INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Matosinhos: O novo CIIMAR de Matosinhos na zona da Boa Nova

Bernardo João Gaspar Vicente

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador(a):
Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto, Professor Catedrático,
Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):
Doutora Ana Luísa Gonçalves Brandão Estêvão, Investigadora
Integrada, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Matosinhos: O novo CIIMAR de Matosinhos na zona da Boa Nova

Bernardo João Gaspar Vicente

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador(a):
Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto, Professor Catedrático,
Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):
Doutora Ana Luísa Gonçalves Brandão Estêvão, Investigadora
Integrada, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Matosinhos

O novo CIIMAR de Matosinhos na zona da Boa Nova

Bernardo Vicente
Mestrado Integrado em Arquitetura

Índice

07 **Resumo/ Abstract**
11 **Nota Introdutória**
15 **I. Contexto e Atlas: A monumentalidade crítica em Álvaro Siza**
"Monumentality", leitura crítica e Atlas de imagens
Enquadramento/ Contexto
- Álvaro Siza
- Projetos de renovação urbana depois da exposição internacional de Lisboa de 1998: As intervenções de Álvaro Siza em Chaves, Matosinhos, Viana do Castelo e Vila do Conde
- A Marginal de Leça da Palmeira e o conceito de frente de água em Matosinhos
29 **II. Álvaro Siza em Matosinhos: A Marginal de Leça da Palmeira como elemento estruturador e agregador**
Introdução
Relações dos projetos de Álvaro Siza com a cidade
Matosinhos em Siza: Crescimento da cidade e da indústria
Siza em Matosinhos
- Quinta da Conceição e Porto de Leixões
- Casa de Chá da Boa Nova
- Piscina das Marés
A Marginal de Leça da Palmeira
Considerações finais: A Marginal de Leça da Palmeira como elemento estruturador e agregador
81 **III. Intervir na frente de água: Estratégia de grupo**
Enquadramento
Estratégia para a cidade
As quatro propostas individuais
91 **IV. Matosinhos: O caso do CIIMAR na zona da Boa Nova**
Introdução
A zona da Boa Nova
- Refinaria e o conjunto arquitetónico da Boa Nova
O novo CIIMAR de Matosinhos – Zona da Boa Nova
- Introdução e contextualização
- Casos de estudo
- O CIIMAR
Considerações finais

Bibliografia
Anexos





Fonte: Google Earht, 2022

Resumo

Matosinhos é, fisicamente e socioeconomicamente, fortemente caracterizada pela presença de grandes complexos industriais, tais como o Porto de Leixões ou a Refinaria da Galp, que deixaram marcas permanentes no tecido urbano da cidade. Pelo que, na constante evolução e transformação que a cidade vai sofrendo ao longo dos tempos, é impossível ignorar a indústria, havendo a necessidade de se trabalhar com ela de forma a mitigar o seu impacto negativo no restante território.

Este trabalho, aborda, assim, não só o impacto que a indústria tem na cidade de Matosinhos, bem como o caso da Marginal de Leça da Palmeira, da autoria de Álvaro Siza Vieira, no seu papel enquanto elemento estruturador e agregador de uma malha urbana da cidade profundamente influenciada pela mesma.

Desta forma, os capítulos I, II e III, foram elaborados em grupo, culminando numa estratégia geral de intervenção à escala da cidade de Matosinhos, assente numa análise critica do passado, mas com foco no futuro.

Já o capítulo IV, traduz-se no projeto de arquitetura com incidência no território de Leça da Palmeira na zona da Boa Nova, junto da antiga Refinaria da Galp. Procurando não só resolver alguns problemas presentes no território nesta zona, como preparar a expansão do núcleo urbano de Leça da Palmeira para os terrenos da Refinaria da Galp, agora desativada.

A proposta do projeto de arquitetura resulta assim na implantação do novo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR), integrado no futuro Polo Tecnológico de Matosinhos da Universidade do Porto.

Palavras-chave: Matosinhos; Álvaro Siza; Marginal; CIIMAR; Refinaria; Infraestrutura

Abstract

Matosinhos is physically and socioeconomically strongly characterized by the presence of large industrial complexes, such as the Port of Leixões or the Galp Refinery, which have left permanent marks on the city's urban fabric. Therefore, with the constant development and transformation the city has experienced over time, it is impossible to ignore the industry, making it necessary to work with it to mitigate its negative impact on the remaining territory.
Therefore, this project addresses not only the impact of the industry on the city of Matosinhos, but also the case of the Marginal de Leça da Palmeira by Álvaro Siza Vieira in its role as a structuring and aggregating element of the urban fabric, deeply influenced by it.
The chapters I, II and III, was developed in a group culminating in a strategy of intervention at the scale of the city of Matosinhos, based on a critical analysis of the past but with an eye to the future.
The chapter IV, translates into the architectural project with a focus on the territory of Leça da Palmeira in the area of Boa Nova, next to Galp's old refinery. It is not only about solving territorial problems in this area, but also about preparing the expansion of the urban core of Leça da Palmeira to the area of the now deactivated refinery.
The proposal results in the implementation of the new Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR), integrated in the future Polo Tecnológico de Matosinhos of the Universidade do Porto.

Key words: Matosinhos; Álvaro Siza; Marginal; CIIMAR; Refinery; Infrastructure

Nota Introdutória

O Projeto Final de Arquitetura, desenvolvido durante o ano letivo 2021/2022, no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Arquitetura do Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, teve coordenação de Paulo Tormenta Pinto, Pedro da Luz Pinto, Ana Brandão, e colaboração de Elodie Marques, Catarina Santos, Rita Rodrigues, Filipe Prudêncio e Francisco Freitas. Este foi desenvolvido em concordância com o projeto de investigação "A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza – Projetos de renovação urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998 (EXPO'98)", e assume uma abordagem teórico-prática, desenvolvida em duas partes distintas: uma em grupo – a par com os discentes Bernardo Vicente, Madalena Lopes e Tomás Oliveira e outra individual.

agradeçoa:paulotormentapintoanabrandaoeunicevicente
rogeriovicentediogovicentemarianabritomadalenalopes
tomasoliveiracatarinasantospeixotovascolemosmartabiu
marianaantunesd

I.

Contexto e Atlas: A Monumentalidade Crítica em Álvaro Siza

“Monumentality”, leitura crítica e atlas de imagens

Como ponto de partida revelou-se essencial compreender o conceito de monumentalidade, recorrendo, não só a um texto do arquiteto Louis Kahn que aborda a mesma temática, mas especialmente à perspetiva do arquiteto Álvaro Siza, levando à leitura crítica do conceito e à realização de um atlas com imagens alusivas ao argumento do mesmo.
Louis Kahn, no seu texto “Monumentality” (1944), reflete sobre o conceito de monumentalidade e considera que apenas o profundo conhecimento da disciplina da Arquitetura - a mesma que constrói uma grande parte do que normalmente se considera monumento - permite encontrar nos edifícios a verdadeira essência do conceito. Para Kahn, a monumentalidade é expressa através da arquitetura, não pela escala do edifício, pela riqueza dos materiais ou pela complexidade das tecnologias utilizadas na construção, mas sim a partir do profundo respeito, domínio e reinterpretação dos cânones e elementos clássicos da disciplina, uma herança ativa que leva à expressão de algo que nunca foi expresso.

“Monumentality in architecture may be defined as a quality, a spiritual quality inherent in a structure which conveys the feeling of its eternity, that it cannot be added to or changed.
(...)
Monumentality is enigmatic. It cannot be intentionally created. Neither the finest material nor the most advanced technology need enter a work of monumental character.
(...)
No architect can rebuild a cathedral of another epoch embodying the desires, the aspirations, the love and hate of the people whose heritage it became. Therefore the images we have before us of monumental structures of the past cannot live again with the same intensity and meaning. Their faithful duplication is unreconcilable. But we dare not discard the lessons these buildings teach for they have the common characteristics of greatness upon which the buildings of our future must, in one sense or another, rely.
(...)
Standardization, prefabrication, controlled experiments and tests, and specialization are not monsters to be avoided by the delicate sensitiveness of the artist. They are merely the modern means of controlling vast potentialities of materials for living, by chemistry, physics, engineering, production and assembly, which lead to the necessary knowledge the artist must have to expel fear in their use, broaden his creative instinct, give him new courage and thereby lead him to the adventures of unexplored places. His work will then be part of his age and will afford delight and service for his contemporaries.
(...)
I do not wish to imply that monumentality can be attained scientifically or that the work of the architect reaches its greatest service to humanity by his peculiar genius to guide a concept towards a monumentality. I merely defend, because I admire, the architect who possesses the will to grow with the many angles of our development. For such a man finds himself far ahead of his fellow workers.”

(Louis Kahn, 1944)

Este entendimento é semelhante ao de Álvaro Siza, quando confrontado com o tema da monumentalidade na entrevista realizada pela turma de Projeto Final de Arquitetura em conjunto com a equipa do projeto de investigação - nomeadamente os arquitetos Paulo Tormenta Pinto; Pedro Pinto; Ana Tostões e Alexandra Saraiva - no dia 30 de outubro de 2021. O arquiteto recorre-se do dicionário para consultar a definição da palavra monumentalidade, elaborando que esta pode estar diretamente associada à memória, e, consequentemente, à reinterpretação de cânones.

Álvaro Siza: *Bom, monumentalidade de memória, de monumento. Memória de alguém ou de alguma coisa.*

Ana Tostões: *Eu gosto muito da palavra alemã que é denkmal [monumento], denk/ denken é pensar, e mal, marcação. Marcação da cabeça.*

A. Siza: *Ah sim, de persistência [não é?]*

(...)

A. Siza: *Monumentalidade tem a ver com o desempenho, na cidade, de um edifício. Uma casa não pode ter monumentalidade, porque uma casa é uma célula - contudo pode ter um conjunto de monumentalidades - a arquitetura ter esse apontamento como preocupação não pode ser. Agora um edifício público é um edifício que tem um desempenho [grande] na cidade, tem que ter representatividade, porque é uma coisa natural não é, não vem do desenho, vem do que é o edifício se se cumprir a função, eu que sou funcionalista, tem de ter alguma monumentalidade não é.*

(...)

A. Siza: *[referindo-se ao projeto de Louis Kahn em Veneza que tem uma estrutura semelhante à do Pavilhão de Portugal] De maneira que este tem realmente substância para ter um palco de monumentalidade, no sentido de ser um edifício que fica na memória, a ideia da memória ligada à monumentalidade.*

Paulo Tormenta Pinto: *Nós temos ancorado muito (...) este conceito no Ignasi de Solà- Molares, que fala desta relação da monumentalidade associada à memória, é aquilo que nós levamos depois de ter visitado a arquitetura.*

A. Siza: *Eu quando vocês me mandaram isto [enunciado do projeto de investigação] disse: sei lá o que vou dizer sobre monumentalidade, só me lembrava de desempenho na cidade, ou densidade da obra no seu uso mesmo. Mas depois fui ao dicionário, já fiz isso várias vezes, fui ao dicionário e lá está, uma coisa pequeníssima, diz: memória associada à memória de pessoas, ou episódios. E ainda diz mais qualquer coisa, mas já não me lembro. É interessante a monumentalidade. Porque depois também há uma ideia de monumental enquanto grande, tem a ver uma coisa com a outra, mas é mais primário.*

Entende-se, então, a monumentalidade como uma qualidade inerente ao local, ao tempo e à estrutura, um sentido de memória e eternidade da obra que não pode apenas ser alcançado pela escala ou materialidade do edifício, decorrendo, sim, da procura pela perfeição estrutural e pela clareza da forma.

Pode-se ainda, através de uma abordagem mais primária, tal como Álvaro Siza refere nesta entrevista, associar a monumentalidade à grande escala. Neste caso, corre-se o risco de se incorrer numa mera adjetivação de um lugar/edifício apoiada numa só característica, enquanto o conceito de monumentalidade é, ou deve ser, bastante mais completo, assente não numa adjetivação ou nomeação, mas sim nas várias qualidades projetuais que, de alguma forma, marcam a memória do território onde se insere e/ou de quem o vive.

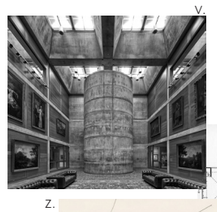
Assim, uma obra caracterizada como monumental não é construída com o intuito de o ser, esse é um atributo que adquire ao logo do tempo e intrínseco ao edifício, por se tornar relevante numa compreensão do passado. Sendo assim, um símbolo da memória do conhecimento que permite a sua construção e consequentemente numa memória que irá informar a construção de algo no futuro.

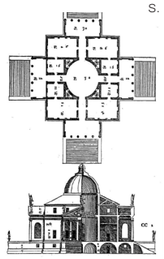
Estas obras podem ser por si só um cânone da arquitetura clássica ou uma derivação desses mesmos cânones, com uma possibilidade infinita de interpretações. Assim, produziu-se um Atlas de Imagens que ilustra uma representação inacabada de uma das inúmeras interpretações possíveis acerca da monumentalidade. Este não é finito em si, tal como os cânones da arquitetura nele representados. independentemente de qualquer que seja a sua leitura.

O atlas, desenvolvido enquanto Atlas de Parede, seleciona apenas algumas imagens de obras consideradas monumentais segundo a premissa levantada, que por si só permitiram diversas conjugações entre elas, mas que no fim, embora válidas, são uma representação inacabada de apenas uma interpretação de monumentalidade. Esta composição pode, assim, ser lida de ponta-a-ponta, de cima para baixo, de baixo para cima, do centro para as pontas e das pontas para centro, estando sempre suscetível a novas leituras e interpretações, com as ambiguidades do tema sempre presentes.

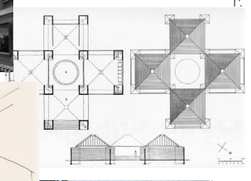
Figura 1 - Atlas de imagens

a. Templo de Poseidon, 550 a.C.
b. Louis Kahn, First Unitarian Church Rochester, 1968
c. Álvaro Siza Vieira, Pavilhão de Portugal, 1998
d. Oscar Niemeyer (?), Cerimónia de Inauguração de Brasília, -
e. Le Corbusier, Chapelle Notre-Dame-du-Haut, 1955
f. Louis Kahn, Palazzo dei Congressi, 194-
g.Villa Adriana, sec. II
h.Frank Furness, Provident Life and Trust Company, 1876-79
i. Andrea Palladio, Villa Rotonda, 1571
j. Pantheon, 118-128
k. The Perisphere (Feira Mundial de Nova Iorque), 1939-40
l.Villa Adriana, sec. II
m. Gunnar Asplund, Capela do Bosque, 1920
n. Robert Venturi, Vanna Venturi House, 1962-64
o. Louis Kahn, Fort Wayne Performing Arts Theater, 1961
p. Louis Kahn, Indian Institute of Management, 1974
q. Benedetto da Maiano , Palazzo Strozzi, 1489-1538
r. Louis Kahn, Trenton Bathhouse, 1955
s. Andrea Palladio, Villa Rotonda, 1571
t. Louis Kahn, Salk Institute, 1970
u. Louis Kahn, Franklin D. Roosevelt Four Freedoms Park, 2012
v. Louis Kahn, Yale Institute fot British Art, 1974
w. Frank Lloyd Wright, V. C. Morris Gift Shop, 1948
x. Joseph Paxton, Crystal Palace London, 1851
y. Mies van der Rohe, Seagram Building, 1958
z. Álvaro Siza Vieira, Centro Galego de Arte Contemporânea, 1993


v.


s.


t.


r.




z.


h.


u.



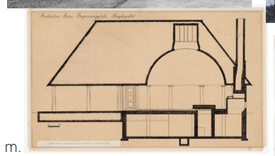

o.


n.

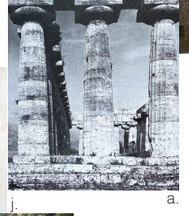

i.


b.


f.


m.


k.


j.

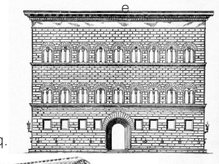

p.

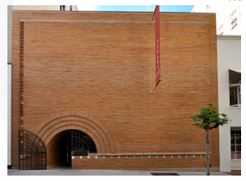

c.


w.




l.


e.


q.

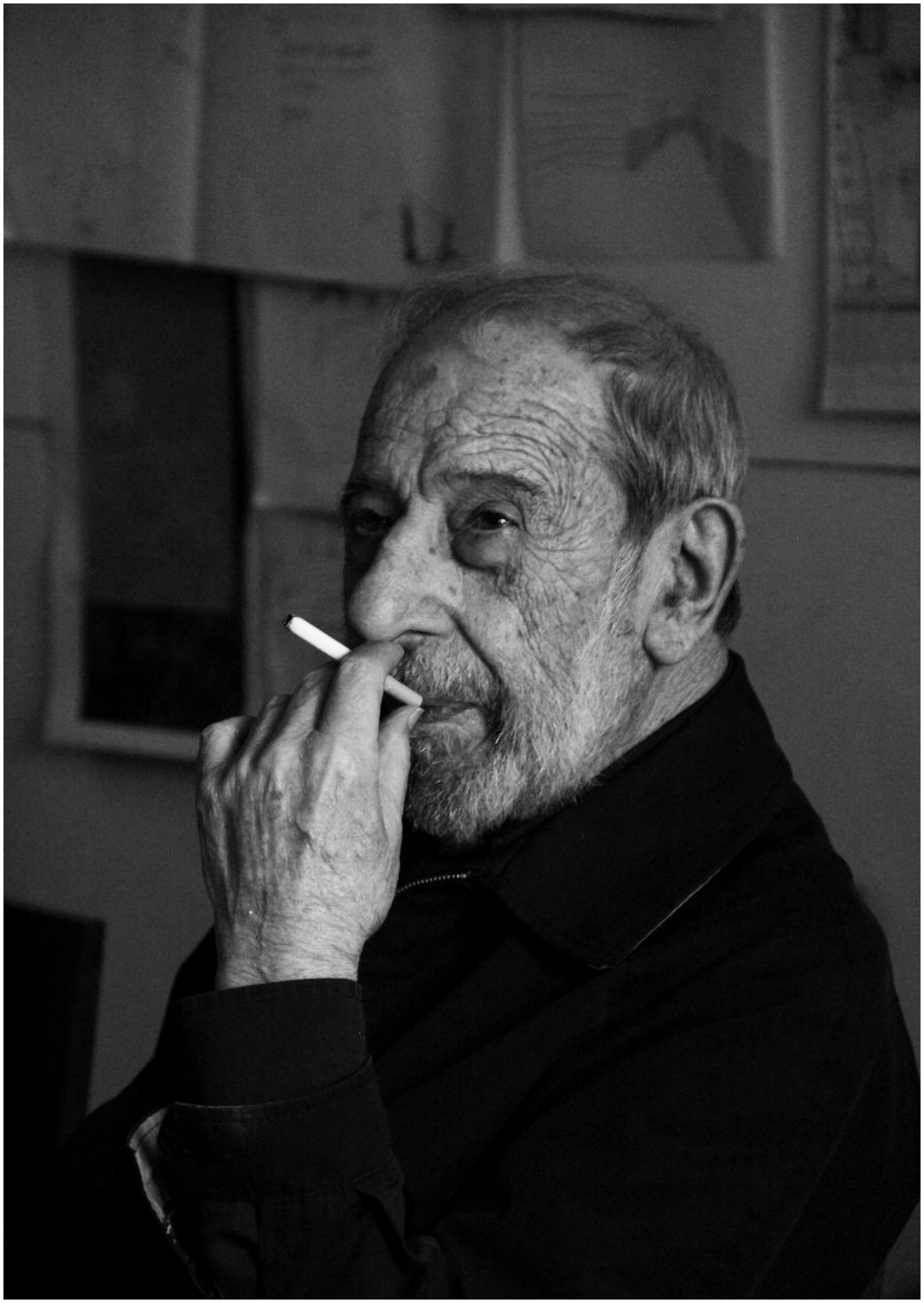

x.

y.

Enquadramento/ Contexto
Álvaro Siza

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira, o segundo de cinco irmãos, nasceu na cidade de Matosinhos no dia 25 de Junho de 1933. Dividiu os primeiros anos da sua vida entre Matosinhos – onde vivia – e o Porto – onde estudava. Foi graças a viagens de família e a incentivos por parte de um tio, que Álvaro Siza começou a desenvolver o gosto pela arte e pelo desenho (Salgado, 2005).
Assim, integrou o curso de arquitetura na Escola de Belas-Artes do Porto entre 1949 e 1955 – onde veio mais tarde a lecionar como professor assistente entre 1966 e 1967 (Salgado, 2005).
Ainda enquanto estudante, Álvaro Siza projeta e executa pequenas intervenções sobretudo para a família e amigos em Matosinhos – tal como a cozinha da avó; um portão com uma pequena pala na casa do tio; o quarto de banho da casa de D. Irene (Salgado, 2005) e o barracão de sua casa na Rua Roberto Ivens (Casa da Arquitetura, 2011) – o que lhe permitiu desenvolver um contacto mais real com os materiais e artesãos, chegando mesmo a passar horas em carpintarias e outras oficinas a observar e propor soluções para trabalhos.
Teve como professores os arquitetos Carlos Ramos e Fernando Távora, que foram figuras decisivas na sua aprendizagem, e que Siza tem como referência, tendo mesmo chegado a colaborar com Távora entre 1955 e 1958 (Casa da Arquitetura, 2011).
Em 1954, projeta pela primeira vez uma "obra de projeção pública" com as quatro casas em Matosinhos, na Avenida D. Afonso Henriques (Salgado, 2005) e em 1958, ao trabalhar com Fernando Távora, desenha a Casa de Chá da Boa Nova, sendo-lhe atribuída, posteriormente, a autoria do projeto.
Apresenta, em 1965, o seu projeto final de curso, com o projeto para a Piscina das Marés (1961-1966), em Leça da Palmeira, e obtém o diploma da ESBAP.
Nos anos 1970, como resultado da revolução de 1974 e de "novas" preocupações europeias, levantou-se em Portugal questões relacionadas com a habitação social e ocupação de importantes zonas então degradadas e marginalizadas pela sociedade, e Álvaro Siza integra o programa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) que tentou resolver parte desta problemática (Salgado, 2005).
É então, a partir de finais dos anos 1970/ início dos anos 1980 e até à atualidade, que Álvaro Siza embarca também numa nova vertente projetual de renovação e recuperação do tecido urbano de cidades a nível nacional e internacional, com projetos como: a Marginal de Leça da Palmeira em 1974 e 2005; o Bonjour Tristesse em 1980-84; o projeto de recuperação do Chiado em 1988, o projeto para Matosinhos Sul em 1996, etc (Salgado, 2005).
No final dos anos 1990, Álvaro Siza é convidado para integrar a equipa de arquitetos que vão desenvolver o projeto para EXPO'98, continuando a vertente de renovação do tecido urbano e desenhando o Pavilhão de Portugal. O sucesso da renovação e recuperação da zona da EXPO, atual Parque das Nações, foi de tal forma significativo que deu origem ao Programa Polis aplicado em vinte cidades, por exemplo, sendo que Álvaro Siza foi convidado para fazer parte do projeto de quatro delas, nomeadamente, Chaves, Matosinhos, Viana do Castelo e Vila do Conde.

Figura 2 - Álvaro Siza na entrevista no âmbito do projeto. Fonte: Afonso Simão, 2021



Enquadramento/ Contexto

Projetos de renovação urbana depois da exposição internacional de Lisboa de 1998: As intervenções de Álvaro Siza em Chaves, Matosinhos, Viana do Castelo e Vila do Conde

A Exposição Internacional de Lisboa de 1998 teve como intuito promover estratégias de desenvolvimento e crescimento do país, que posicionassem Lisboa no panorama nacional e internacional. Com o objetivo de não se tornar num espaço meramente efémero, o projeto de intervenção centrou-se não só nos espaços de exposição, mas também na criação de novas zonas habitacionais, com desenho urbano e infraestruturas qualificadas, de modo a criar uma nova centralidade urbana na zona oriental de Lisboa.

A longo prazo o Plano de Urbanização da Zona de Intervenção da Expo 98 trouxe benefícios não só para a cidade de Lisboa, mas também como referência para diversas operações de requalificação urbana.

Álvaro Siza foi interveniente fundamental no projeto da Expo 98. O arquiteto desenhou o Pavilhão de Portugal, edifício central da exposição. Nos anos que lhe seguiram, a Expo 98 veio suscitar uma série de planos de requalificação urbana em diversas cidades de Portugal. Conhecidas como intervenções POLIS, ou Programa POLIS, teve como objetivo replicar a experiência urbana da Expo 98, servindo esta como premissa para a consolidação do espaço urbano de vinte e oito cidades dispersas no território português.

O programa POLIS estava, assim, no início dos anos 2000, integrado numa estratégia nacional de requalificação de espaço publico, tentando colmatar, tanto quanto possível, problemas urbanos e ambientais, com o objetivo de melhorar a atratividade e competitividade das cidades.

Destas vinte e oito cidades intervencionadas pelo Programa POLIS o arquiteto Álvaro Siza participa direta e indiretamente em quatro delas. Em Vila do Conde e Matosinhos com projetos de espaço público – em Vila do Conde no Parque Atlântico (2005) e em Matosinhos no Plano para Matosinhos Sul (1996-1999) que enquadra o projeto da Marginal – e em Viana do Castelo e Chaves com equipamentos culturais – Biblioteca Municipal de Viana do Castelo (2008) e Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso (2015), respetivamente.

Estas quatro intervenções permitem, assim, compreender e avaliar o impacto de um desenho urbano qualificado no território, compreendendo, no entanto, as fragilidades que o mesmo ainda apresenta.

São estas as quatro cidades abordadas no decorrer da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, enquadrado no projeto de investigação "A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza – Projetos de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998". Distribuídas por quatro grupos de trabalho, em que cada grupo explora uma delas, procurando compreender o seu desenvolvimento e de que maneira as intervenções POLIS vieram alterar a morfologia da cidade.

Este grupo de trabalho centra-se, assim, na cidade de Matosinhos, com uma análise histórica do território, e posteriormente com uma proposta de intervenção no mesmo. Compreendendo o plano para a frente marginal de Leça da Palmeira e as suas fases de desenvolvimento.

Figura 3 - Quatro cidades POLIS intervencionadas por Àlvaro Siza Vieria depois da EXPO 98.


Chaves
Viana do Castelo
Vila do Conde
Matosinhos

Enquadramento/ Contexto

A Marginal de Leça da Palmeira e o conceito de frente de água em Matosinhos

As intervenções ao abrigo do programa Polis, bem como a próprio desenho urbano para a Expo 98, são fortemente marcadas pela presença da água, quer seja através de uma frente marítima ou de rio, e desenvolvem-se sempre em contacto com a mesma.

A água torna-se assim tema central das intervenções de Álvaro Siza no programa POLIS. No Parque Atlântico de Vila do Conde com a preservação da duna e transformação de frente marginal. Em Viana do Castelo com a Biblioteca Municipal, implantada numa zona de aterro junto ao estuário do rio Lima. E em Chaves, com o Museu Nadir Afonso, implantado numa zona de cheias, trabalhando diretamente com problemas relacionados com a permeabilidade dos terrenos.

No caso de Matosinhos, Álvaro Siza apenas desenha o Plano para Matosinhos Sul, em 1996, que origina o desenho da Marginal de Matosinhos, desenvolvida ao abrigo do Programa POLIS, pelos arquitetos Eduardo Souto de Moura e Alcino Soutinho. Já a Marginal de Leça da Palmeira, em 2002-2007, também projetada por Álvaro Siza não é considerada parte integrante do Programa POLIS, no entanto segue as mesmas premissas, trabalhando diretamente com a frente de água e com os acessos à praia.

Compreende-se, então, a água como elemento fundamental não só nos projetos de intervenção de Álvaro Siza no Programa POLIS, e ainda para no projeto da Marginal de Leça.

Para a análise e intervenção no território de Matosinhos, tornou-se necessário considerar como frente de água, toda a frente marítima, tanto de Matosinhos como de Leça da Palmeira, o Porto de Leixões, ainda que este tenha um cariz industrial, e o leito do rio Leça, que outrora teve grande relevância para o desenvolvimento da cidade. Assim, qualquer intervenção no território de Matosinhos, tal como as de Álvaro Siza, trabalhará com este tema, almejando alcançar a unidade territorial através do mesmo, e tendo em conta as noções acima mencionadas.

Figura 4 - Frente de água em Leça da Palmeir. Fonte: Brito, 2021.



II.

Álvaro Siza em Matosinhos: A Marginal de Leça da Palmeira como elemento estruturador e agregador

Introdução

A Marginal de Leça da Palmeira, desenhada pelos arquitetos Álvaro Siza Vieira e António Madureira, foi planeada e desenvolvida como um elemento fundamental no território para a conexão entre as zonas urbanas de uma cidade em crescimento, sem virar costas à frente natural de Leça e à sua herança industrial.

Esta extensa avenida junto ao mar, denominada à época Avenida dos Centenários, surge em meados dos anos 1940, a pedido da Direção dos Faróis, tendo como intuito ligar o centro urbano de Leça da Palmeira ao Farol de Leça (1927) e a um posto radiotelegráfico da Marinha. Esta nova avenida revelou-se bastante importante, melhorando significativamente a segurança das praias de Leça e o socorro a náufragos. Estabeleceu a base para uma possível ligação litoral a Vila do Conde e à Póvoa do Varzim com o prolongamento, no início dos anos 1970, da estrada marginal ao longo da frente da Refinaria de Matosinhos, ligando Leça às freguesias a norte (Santos, 2013).

Face aos novos desafios associados ao crescimento de Leça da Palmeira, são elaborados novos planos e estudos para a Marginal a partir dos anos 1970. No entanto, o arranjo do percurso rodoviário e pedonal data apenas do início do século XXI. Hoje é um limite da cidade que veio integrar as infraestruturas industriais, como os pipelines da Refinaria, e a malha urbana existente, sem desvalorizar ou perder o carácter do lugar e da natureza em redor. Para além desta função de conexão com a cidade em geral, a Marginal é também o elemento comum que permite aceder a outras duas obras de Álvaro Siza Vieira – a Casa de Chá da Boa Nova e a Piscina das Marés – que se mantiveram na linha costeira, a "observar" não só a transformação desta frente de mar, como a relação com os novos elementos que foram sendo introduzidos ao longo dos tempos.

Como tal, o objetivo fundamental deste trabalho é estudar o projeto para a Marginal de Leça da Palmeira procurando, essencialmente, perceber como se desenvolveu, os motivos que levaram à sua construção, quais os elementos que o constituem e compreender como este, enquanto novo espaço público, se veio relacionar com a sua envolvente e os diversos intervenientes já enunciados.

Recorreu-se, então, a uma metodologia de trabalho dividida em dois momentos, que se traduzem também na estrutura do corpo de texto: O primeiro, tem como base um estudo fotográfico realizado aquando da visita a Leça da Palmeira, no dia 31 de outubro de 2021. Neste, foi considerada como marginal toda a frente de água desde a Quinta da Conceição até à Refinaria da Galp, incluindo, desta forma, a frente urbana que acompanha o Porto de Leixões para além da frente marítima desenhada por Álvaro Siza. Ao longo desta marginal, são fotografados os projetos do arquiteto que contactam diretamente com ela, nomeadamente a Piscina da Quinta da Conceição – e, consequentemente, a própria Quinta com intervenções de Fernando Távora –, a Piscina das Marés, a Casa de Chá da Boa Nova e a própria Marginal de Leça da Palmeira, procurando estudar as relações que os projetos estabelecem com a sua envolvente. Do estudo, são apresentadas nove fotografias – que quando descritas e interpretadas permitem evidenciar relações que se encontram no território - acompanhadas por peças desenhadas que as ilustram e enfatizam.

O segundo, baseia-se na consulta de bibliografia específica, de documentação disponibilizada

pelo Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Matosinhos (CMM), pelo Canadian Centre for Architecture (CCA) e pela Fundação Instituto Marques da Silva. Foram ainda realizadas entrevistas a Álvaro Siza Vieira, no dia 30 de outubro 2021, no seu atelier e a António Madureira e Raquel Paulino, no dia 7 de fevereiro de 2022, numa aula no Iscte, no âmbito do projeto de investigação "A Monumentalidade Critica de Álvaro Siza – Projetos de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998 (EXPO'98), com o intuito de clarificar aspetos do desenvolvimento dos projetos do arquiteto Siza em Matosinhos.

Desta forma, e em sequência com o primeiro ponto, analisou-se a história e a evolução urbana da cidade de Matosinhos, bem como as obras de Álvaro Siza que nela participam, procurando entender o enquadramento destas na cidade e no tempo – com principal incidência no projeto para a Marginal de Leça da Palmeira, analisando-a pormenorizadamente e compreendendo o seu funcionamento e as relações que estabelece com a envolvente.

Figura 5 – Avenida dos Centenários nos anos 1960/70.
Fonte: CMM, n.d.



Relações dos projetos de Álvaro Siza com a cidade

Para se compreender a Marginal de Leça da Palmeira, primeiramente, considerou-se esta obra como parte integrante da frente de água de Leça da Palmeira, ou seja, um percurso marginal mais alargado. Este estende-se, desde a Quinta da Conceição, junto ao nó Rodoviário da A28 – através da frente urbana que acompanha o Porto de Leixões na sua margem norte – até ao remate do projeto urbano de Álvaro Siza com a Refinaria da GALP. A frente de água revela-se como uma linha de conexão entre três outros projetos do arquiteto, a Piscina da Quinta da Conceição, a Piscina das Marés e a Casa de Chá da Boa Nova que, como tal, podem ser considerados parte integrante do percurso.

A análise deste sistema complexo revela a necessidade do reconhecimento de todos os seus elementos, da sua relação com a envolvente, tendo uma atenção particular às diferentes escalas que os caracterizam.

É sobre este sistema que incidiu o estudo fotográfico, focado nos projetos previamente mencionados, procurando uma perspetiva do território envolvente sem lhe "voltar as costas", colocando os projetos em primeiro plano e a cidade em segundo, selecionando o modo como se olha a cidade a partir de determinados pontos. Esta escolha realça as suas relações com o território, podendo-se, no limite, considerar a fotografia como uma colagem de dois lugares distintos.

Figura 6 – Fotografia aérea de Leça da Palmeira com identificação da frente de água (mancha branca). Fonte: os autores, 2022.



Note-se, em primeira instância, a Quinta da Conceição, que devido à sua topografia se pode entender como um anfiteatro voltado para o Porto de Leixões, em que o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora enquadra as enormes gruas do Porto – nunca se conseguindo dissociar destas (figura 7). Da mesma forma, a piscina da Quinta, ainda que rodeada por vegetação, não permite a abstração das torres habitacionais que se erguem por trás dos muros do recinto (figura 8).

Já na frente marítima, a presença do volume acentuado dos blocos habitacionais, contrapõe-se à volumetria ajustada à escala humana, com muros e bancos que pontuam a intervenção de Álvaro Siza (figura 9) na Marginal. A Piscina das Marés, mesmo com a sua atmosfera interior de recolhimento e sombra, permite, por exemplo, um enquadramento através da porta de uma das casas de banho de apoio, do molhe norte do Porto de Leixões (figura 10). E, no exterior, a íntima relação com o mar e com a natureza, é quebrada, quando por trás dos muros horizontais que integram os equipamentos da piscina, é possível avistar os blocos habitacionais, evidenciando a relação encontrada anteriormente (figura 11).

Ao longo de toda a Marginal, avista-se o Farol de Leça, que pontua o fim da sua horizontalidade e rigidez, ajudando assim a conferir a noção da sua verdadeira escala ao guiar o olhar de quem a percorre. O Farol ganha mais expressão no território na aproximação à Casa de Chá da Boa Nova (figura 12). A verticalidade sentida na zona da Boa Nova torna-se uma constante com o aparecimento das grandes chaminés da Refinaria da Galp, que o pequeno alpendre de entrada da Casa de Chá enquadra (figura 13), apesar da disparidade de escalas entre os dois.

Neste ponto, a relação com o Porto de Leixões mantém-se, embora estando este mais distante. Indiretamente, aquando na subida das escadas da Casa de Chá, se avista no horizonte um petroleiro (figura 14) e diretamente, quando, a partir da sua envolvente, a relação do restaurante com o mar e da sua integração na costa rochosa, é indissociável da presença do avanço da infraestrutura portuária sobre o mar (figura 15).

Figura 7 – Enquadramento da cidade e do Porto de Leixões a partir do Campos de Ténis da Quinta da Conceição. Fonte: Lopes, 2021.


matosinhosport
matosinhos



Figura 8 – Enquadramento da cidade através da Piscina da Quinta da Conceição. Fonte: Lopes, 2021.



Figura 9 – Marginal de Leça da Palmeira. Fonte: Brito, 2021.



Figura 10 – Titan do Porto de Leixões a partir dos balneários da Piscina das Marés. Fonte: Brito, 2021.



Figura 11 – Enquadramento dos equipamentos de apoio da Piscina das Marés com a cidade. Fonte: Vicente, 2021.



Figura 12 – Marginal de Leça da Palmeira com o Farol da Boa Nova ao fundo. Fonte: Brito, 2021.



Figura 13 – Enquadramento das chaminés da Refinaria de Matosinhos a partir do alpendre de entrada da Casa de Chá da Boa Nova. Fonte: Oliveira, 2021.



Figura 14 – Enquadramento de um petroleiro no horizonte a partir das escadas de entrada na Casa de Chá da Boa Nova. Fonte: Oliveira, 2021.



Figura 15 – Casa de Chá da Boa Nova com o molhe norte do Porto de Leixões ao fundo. Fonte: Oliveira, 2021.

O estudo fotográfico aborda, assim, as obras de Siza com foco na procura dos vários tipos de relações que estas estabelecem com o território e não apenas com o mar e a topografia, ou numa mera representação da atmosfera interior ou dos seus materiais – que se pode considerar ser a mais comum. Este conjunto de fotografias constroem uma narrativa visual da experiência da Marginal de Leça da Palmeira, quando observada através do ponto de vista dos projetos de Siza, revelando um território com grandes contrastes de escala entre os projetos e a indústria/ edificação.

Deste ponto de vista, os projetos de Álvaro Siza evidenciam a pequena escala, em comparação com a grande escala dos elementos industriais que se impõem na paisagem. Esta relação, não é tão clara ou imediata na vivência do local, visto que quem passa na Marginal não é condicionado a um único ponto de vista ou experiência. Deste modo, para se melhor perceber e ilustrar estes contrastes presentes no território, foram desenhados perfis que mostram a inserção dos projetos no seu contexto, tentando ilustrar num único desenho, estas relações com o entorno industrial.

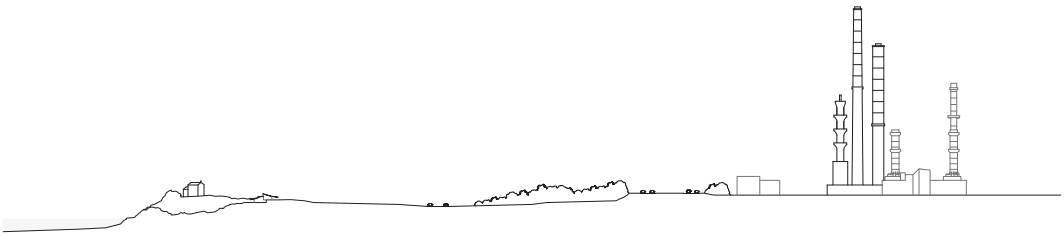
Nestes perfis, os projetos de Álvaro Siza integrados na sua envolvente quase que se tornam impercetíveis, parecendo diluir-se numa paisagem dominada principalmente por elementos industriais ou por blocos habitacionais. Compreende-se ainda a Marginal de Leça da Palmeira como uma constante, que agrega e medeia não só a grande e a pequena escala, mas também a malha urbana da cidade na qual os projetos se inserem. Por outro lado, percebe-se que estes elementos marcantes – um petroleiro no horizonte; o Farol de Leça, as chaminés da Refinaria; as gruas do Porto de Leixões; o Titan sobre o molho do Porto; etc. –, mesmo que alguns já não mantenham a usa função, são fundamentais para perceber, não só o território onde Siza intervém, mas também as suas próprias intervenções.

Assim, pode-se extrapolar que as diferentes escalas e as suas relações entre os projetos e a sua envolvente, se encontram muitas vezes intrinsecamente associadas àquela que é a herança do uso que cada edifício/ espaço tem.

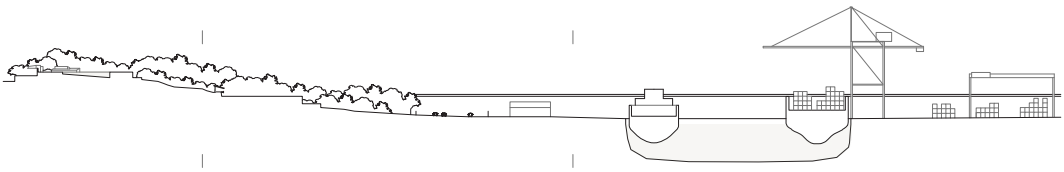
Revela-se fundamental perceber que herança da presença industrial é esta que chegou aos dias de hoje – e com a qual Siza lidou no desenvolvimento dos seus projetos – compreender a história do território, analisar a evolução da sua malha urbana da qual a própria indústria e os projetos participam e perceber, especificamente, qual o papel da Marginal neste contexto. Esta abordagem torna clara a perspetiva do próprio Álvaro Siza na entrevista de 30 de outubro de 2021, no âmbito deste trabalho, quando associa a ideia de memória à de monumentalidade:

"Fui ao dicionário, já fiz isso várias vezes, fui ao dicionário e lá está, bem, uma coisa pequeníssima diz: [a monumentalidade é a] memória associada à memória de pessoas, ou episódios".

Figura 16 – Perfis transversais sobre o território de Leça da Palmeira e Matosinhos. Respetivamente, Casa de Chá da Boa Nova e Refinaria; Piscina das Marés e malha urbana e Quinta da Conceição e Porto de Leixões. Com a Marginal de Leça como elemento comum aos três perfis. Fonte: os autores, 2022.







Matosinhos em Siza: Crescimento da cidade e da indústria

Para analisar o crescimento da cidade recua-se no tempo, até a um território onde a natureza era imperativa, marcado por extensos prados litorais, praias, enormes rochedos que se erguiam ao longo da linha costeira e também pela presença do vale e estuário do rio Leça que corria em direção ao mar. Uma geografia particular que se irá revelar como o motor, quer para a ocupação humana e origem da cidade de Matosinhos, como também, para a industrialização da paisagem.

Do ponto de vista urbano, foi ao longo das margens e do estuário do importante curso de água, que as primeiras comunidades se estabeleceram no território no século I a.C., fruto da proximidade ao mar, das características topográficas favoráveis militarmente, da fácil navegabilidade do rio que permitia as trocas comerciais e dos terrenos férteis junto das suas margens. Estes fatores levaram a que, ao longo dos séculos, as atividades piscatória e agrícola prosperassem, tendo-se estabelecido os núcleos urbanos de Matosinhos e Leça da Palmeira que, embora separados fisicamente, tinham o rio Leça como veículo que os unia cívica e socioeconomicamente (Figura 17) (Azeres, 2019; Cordeiro, 1989; Pires, 2012; Santos, 2013).

Esta realidade, no entanto, iria a ser profundamente alterada. No século XVI, embora com uma constante oposição por parte da burguesia mercante da cidade do Porto, é discutida a viabilidade de desenvolver um porto no estuário do Rio Leça, em alternativa à importante (mas disfuncional), Barra do Douro, pois este, era facilmente navegável e naturalmente protegido da força do mar, por enormes formações rochosas – os "leixões" – que o rematavam, tornando-o um porto de abrigo natural.

No final do século XIX, esta ideia acaba mesmo por ser aprovada, dando início ao surgimento do importante Porto de Leixões e consequentemente ao aparecimento da área industrial de Matosinhos sul. Em 1883, as características ideais enunciadas, são valorizadas no plano de Afonso Joaquim Nogueira Gomes, no qual o engenheiro desenha o Porto de Leixões como hoje se conhece, no que toca ao seu avanço sobre o mar, aproveitando a base que os próprios leixões naturalmente ofereciam.

Em 1884, é construído o Ramal de Leixões, que ligava a pedreira de São Gens até à zona do novo porto, transportando a matéria-prima que iria permitir o início daquela que é considerada a maior obra de engenharia do século XIX em Portugal. (Cleto, 1998) Terminada em 1895, foi fruto do esforço conjunto da mão de obra humana e da maquinaria – os famosos "Titans do Porto de Leixões", gigantes guindastes movidos a vapor que, bloco de pedra a bloco de pedra, construíram os molhes do novo Porto de Leixões, que funciona inicialmente apenas como porto de abrigo (Cleto, 1998).

Figura 17 – Mapa de Matosinhos e Leça da Palmeira, anterior ao século XVIII. Fonte: os autores, 2022.



1- Castro de Guifões / Ocupação Século I a.C.;
2- Núcleo Urbano de Bouças;
3- Igreja Paroquial do Senhor do Bom Jesus de Matosinhos;
4- Oratório do Senhor do Padrão;
5- Núcleo Urbano de Gonçalves;
6- Ponte Romana;
7- Igreja Matriz de São Miguel e Capela de Sant´Ana;
8- Capela do Corpo Santo;
9- Capela de Santa Catarina e Forte de Leça da Palmeira;
10- Oratório de Devoção a São Clemente das Penhas;
11- Convento da Nossa Senhora da Conceição;
12- Estrada Régia que ligava Leça da Palmeira a Matosinhos;
13- Ponte de Pedra ou dos 19 arcos.

Contemporaneamente, Licínio de Guimarães, reconhece no areal do Prado, uma extensa área plana a sul do núcleo histórico de Matosinhos, o potencial para servir de base à expansão da cidade. E é sobre ele, onde apenas existiam alguns moinhos de água, o Hipódromo de Matosinhos e o Monumento do Senhor do Padrão, que desenvolve um novo plano urbano onde prevê a expansão da cidade. O plano, tira partido das características favoráveis do território e traça extensos novos arruamentos, tomando como ponto de partida o seguimento da Rua Brito Capelo e as já perfiladas Avenida da República e Avenida Menéres, definindo com um caráter ortogonal, os quarteirões que nas décadas vindouras iriam compor a importante área industrial de Matosinhos Sul.

Assim, em 1897 estes começam a ganhar forma, com a instalação da primeira fábrica, a Real Vinícola, pela família Menéres, junto da avenida com o mesmo nome e, dois anos mais tarde, com a ocupação de dois quarteirões pela recém-fundada Real Fábrica de Conservas de Matosinhos, a Lopes Coelho Dias & Ca, Lda. (Figura 18) (Câmara Municipal de Matosinhos, 2018). A segunda, dá origem à indústria conserveira de Matosinhos, que viria a ocupar grande parte da área industrial prevista. Fruto da abundância de pescado, tradição da pesca e da salga, fácil exportação através do Porto de Leixões e oferta de mão de obra barata, o setor cresce acentuadamente durante a primeira metade do século XX, registando, em 1945, cerca de 167 fábricas, estabelecendo Matosinhos como um dos maiores centros conserveiros do mundo e como peça fundamental na economia local e nacional (CMM, 2018; Corvacho, 1999; Silva, 2015).

Foram praticamente cinquenta anos de extrema mudança, em grande parte, diretamente relacionada com os dois atores descritos anteriormente, bem como com o êxodo rural que se fez sentir no início do século XX em Portugal. Fatores que levaram a um crescimento urbano notório, a par do crescimento demográfico, potenciado pela chegada dos construtores do Porto de Leixões, da força operária que iria trabalhar no setor industrial e da presença da burguesia, o que inevitavelmente levou também a uma profunda alteração na estrutura socioeconómica de Matosinhos. No entanto, este crescimento acontece de maneiras díspares entre os dois lados do rio Leça.

Matosinhos, entre 1896 e 1925, desenvolve o seu centro histórico, entre a Igreja do Bom Jesus de Matosinhos a nascente, o mar a poente, o estuário do Leça a norte e o areal do Prado a sul, estabelecendo-se de maneira clara como um centro urbano, preservando, no entanto, o interior rural. São instalados os primeiros sistemas de abastecimento de água, esgotos e iluminação públicos, e é promovida a ligação ao Porto através da Foz, com a extensão do elétrico até ao cais portuário. Já o setor da pesca cresce, acompanhando o crescimento do Porto de Leixões e, em 1925, é já reconhecível o desenvolvimento da referida área industrial (Figura 18) (CMM, 2016; Cordeiro, 1989).

Figura 18 – Mapa de Matosinhos e Leça da Palmeira, século XIX a 1925. Fonte: os autores, 2022.



1- Plano de 1878, da autoria de Afonso Joaquim Nogueira, para o Porto de Leixões;
2- Ramal de Leixões;
3- Plano de Expansão da Cidade, da autoria de Licínio Guimarães, destacando-se, ao centro, a Real Vinícola (atual Casa da Arquitetura) e em baixo, a Real Fábrica de Conservas de Matosinhos;
4- Rua Brito Capelo;
5- Avenida da República;
6- Avenida Menéres;
7- Linha de Elétrico proveniente da Foz Do Douro;
8- Ponte Metálica;
9- "Alameda" que se estendia ao longo do estuário do rio Leça;
10- Passeio marginal, "Sala de Visitas".

Leça da Palmeira, pelo contrário, preserva o seu cariz rural, estabelecendo-se como um novo espaço suburbano de lazer, contrastando com o caráter industrial da outra margem do rio. Tal realidade é promovida pela melhoria da ligação a Matosinhos, com a construção de uma ponte metálica em 1887 que iria permitir a extensão do elétrico, até Leça, promovendo a ligação à cidade do Porto e, como consequência, a deslocação da burguesia Portuense - maioritariamente inglesa - para aquele local costeiro.

Estes novos habitantes fugiam a uma cidade do Porto densa e desconfortável, seduzidos não só pelos terrenos mais baratos a norte, como também pelos espaços amplos, de ar puro, extensos areais e a beleza do estuário do rio Leça. Desta forma, acabam por fomentar a ocupação do centro histórico de Leça e o seu crescimento para norte, na forma de novos arruamentos ortogonais que privilegiavam a ligação entre o litoral e o interior rural. É também desta época o desenvolvimento do espaço público ribeirinho, na forma da "Alameda", que acompanhava o estuário do Leça e a "Sala de Visitas" que se estendia ao longo da Praia do Castelo (Figura 18), por onde pescadores, agricultores, eruditos – pintores e escritores – e burgueses passeavam, coabitando aquele lugar (CMM, 2016; Santos, 2013).

Na transição para o segundo quarto do século XX, Leça acaba por se industrializar também, densifica-se o centro histórico, a malha urbana cresce na zona interior norte, junto do largo da Igreja Matriz e é perfilada a primeira avenida marginal, a Avenida dos Centenários (Figura 20) (Santos, 2013).

Já em Matosinhos, densifica-se o centro histórico em torno da Rua Brito Capelo, onde se localizavam os serviços administrativos e a Câmara Municipal, e consolida-se a zona industrial com a extensão dos quarteirões que a compunham até praticamente ao limite com o concelho do Porto, junto da Estrada da Circunvalação (Duarte, 2016). Entre 1944 e 1952 começa a ganhar forma a importante Avenida Dom Afonso Henriques, prevista no Plano Geral para Matosinhos de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva, que veio a funcionar, paralelamente à linha costeira, como eixo interior central, articulando o núcleo antigo, a nova zona Sul e a futura expansão da cidade para nascente.

Figura 19 – Plano Urbano Geral para Matosinhos. Fonte: Silva, 1944, CMM.



Ao mesmo tempo, embora próspero economicamente, o centro urbano evidenciava uma realidade social bastante precária e desigual. "Ilhas" operárias que consistiam na ocupação dos logradouros interiores dos quarteirões por filas de edificações precárias alojando dezenas de famílias, sem que lhes fosse reconhecida as condições de habitabilidade mínima, eram a norma na habitação disponível. A população vivia em extrema pobreza, a higiene era parca e a situação era o reflexo das más condições laborais e da segregação social que existia, em resultado da crescente procura das zonas costeiras pela população de classes sociais mais altas (Duarte, 2016).
É neste Matosinhos, que nasce Álvaro Siza na casa da avó paterna, na Rua Brito Capelo (Casa da Arquitetura, 2011), em 1933 (Salgado, 2005), acabando por crescer, confrontado com este período de extrema mudança, que relembra já nos anos 80:

Matosinhos de há trinta, quarenta anos... As traineiras primitivas, os mestres iluminados, as obras do porto e os engenheiros, a capela de Santo Amaro em demolição, os mesmos personagens, todos os dias, nos portais de Brito Capelo, o mesmo padre, também o mesmo Presidente da Câmara, a Legião, a Mocidade Portuguesa obrigatória, a Defesa Civil do Território com papelinhos colados nas janelas, os Doutores, uma ou outra mulher que traía o marido, anglófilos e germanófilos, cinéfilos, banheiros, o volfrâmio e a massa de tomate. Beatas e pedintes no adro da Matriz, o vermelho do sacristão, Club de Leça, Orfeão, Casino, Constantino Nery, Tom Mix, Tambores de Fú-Manchú. Os que viviam no mar, ou a olhar o mar, e foram arrumados no Bairro dos Pescadores, à força, em casas cor-de-rosa, de beiral oriental. As ilhas sobre-habitadas durante a campanha, depois abandonadas, as casas de penhores, marinheiros bêbados dos petroleiros, os incêndios dos depósitos da Mobil, junto à serração, os primeiros bares, casas de prostituição, Festas do Senhor de Matosinhos com arcos de papel e madeira, "mulheres de fábrica", em bandos, a provocar cantando, também a Vinícola, armazém de operários e de doença. Esse Matosinhos desapareceu, transformado por si próprio, também para mim, pelos meus olhos. (Salgado, 1985, p.135-136 apud Souza, 2020).

Foi neste entorno, que Siza, ainda adolescente, intervém pela primeira vez em Matosinhos, mas apenas no pátio da casa Roberto Ivens onde morava, para o qual desenhou um pequeno pavilhão, no período que precede a sua entrada na Escola de Belas-Artes do Porto em 1949 (Casa da arquitetura, 2011), onde iria iniciar os estudos em arquitetura e consequentemente conhecer Fernando Távora, com quem colaborou e que lhe abriu a possibilidade de desenvolver, praticamente em simultâneo, os projetos para a Piscina da Quinta da Conceição, para a Casa de Chá da Boa Nova e para a Piscina das Marés de Leça da Palmeira, tendo assim Siza, poucos anos mais tarde da elaboração do pavilhão, transformado o pátio da sua casa, na paisagem de Matosinhos que todos conhecem.

Figura 20 – Mapa de Matosinhos e Leça da Palmeira, 1944-52. Fonte: os autores, 2022.



1- Avenida Combatentes da Grande Guerra, destacando a Igreja Matriz de Leça da Palmeira onde se iniciou o seu perfilamento;
2- Avenida Dr. Fernando Aroso, destacando as novas habitações do núcleo histórico de Leça da Palmeira;
3- Avenida dos Centenários;
4- Zona Industrial Matosinhos Sul;
5- Estrada da Circunvalação;
6- Avenida Dom Afonso Henriques;
7- Bairro dos Pescadores;
8- Rua Roberto Ivens;
9- Doca No.1 do Porto de Leixões – Primeiro avanço para interland;
10- Novas Ferrovias de Ligação a estrutura Portuária;
11- Farol de Leça da Palmeira;
12- Posto Radiotelegráfico;
13- Mercado Municipal de Matosinhos.

Siza em Matosinhos
Quinta da Conceição e Porto de Leixões

A Quinta da Conceição, é atualmente um espaço verde de referência no concelho de Matosinhos, localizado em Leça da Palmeira numa colina sobranceira ao Porto de Leixões, junto da autoestrada A28.
A origem da quinta, remonta ao século XV quando a Ordem dos Frades Menores de São Francisco ergueu naquele local, na altura tangente às margens do rio Leça, o Convento da Nossa Senhora da Conceição (1475-1481) (Figura 17), onde realizaram a prática religiosa até à extinção da Ordem já no século XIX, o que consequentemente deixou a quinta ao abandono, tendo a mesma, sido elevada a parque público, já em 1950 (CMM, 2016; Antunes, 2016).
Esta última transformação teve como principal causa o impacto da operação de expansão do Porto de Leixões ao longo do século XX (Figura 19). Uma vez que, este, após ter sido elevado a porto comercial em 1913, solidificou a sua relevância no panorama portuário nacional, e rapidamente surgiu a necessidade de aumentar a área portuária. Por incapacidade de o fazer no mar, a alternativa foi encontrada em terra, avançando sobre o estuário do rio Leça. Como tal, a Doca No. 1 foi concluída em 1940, materializando um novo cais de 550 metros de comprimento e 180 de largura que, provocou demolições nos núcleos históricos de Matosinhos e Leça, descaracterizando os espaços públicos ribeirinhos e afetando o cariz balnear que se vivia até então (Cleto, 1998; Santos, 2013).
Contudo, a procura do Porto de Leixões continuou a aumentar e, em 1955, é proposto um novo avanço em direção ao interland, que previa o crescimento da estrutura do porto até à atual A28. A sua construção começa em 1956 e deixa os terrenos da Quinta da Conceição, na altura propriedade da Administração dos Portos do Douro e Leixões (APDL), também na iminência de uma profunda descaracterização. Reconhecendo o valor patrimonial do local, a Câmara de Matosinhos compra os terrenos da quinta e encomenda ao arquiteto Fernando Távora, em 1956, a reabilitação da mesma enquanto espaço público para a cidade (Cleto, 1998; Antunes, 2016).
No mesmo ano, Távora realiza o anteprojeto para o novo parque, no qual fica clara a ideia do arquiteto para o interior da quinta. Porém, é também dado destaque ao entorno urbano, com a proposta de estabilizar os limites da quinta, articulando-a com a cidade consolidada, a nova área portuária e a recém-construída via-rápida, através do desenho do novo nó rodoviário e da Avenida Antunes Guimarães que iria acompanhar o cais portuário (Figura 21).
Em 1957, é apresentado o Plano Geral da Quinta da Conceição, revelando uma sensibilidade constante, para com a natureza e com o valor patrimonial do local. Nele prevê-se a articulação de elementos pré-existentes, como o Claustro do Convento da Nossa Senhora da Conceição, a Alameda Vermelha, a Capela de São Francisco (séc. XVIII) e a densa vegetação, com novos equipamentos, através de percursos, escadas, muros e arranjos topográficos, desenhando diversos momentos onde a natureza e arquitetura interagem em harmonia.

Figura 21 – Mapa de Matosinhos e Leça da Palmeira, 1983.
Fonte: os autores, 2022.



1- Doca No.2 e No.3 do Porto de Leixões – segundo avanço sobre o interland;
2- Porto de Pesca;
3- Terminal de petroleiros;
4- Via rápida Sul-Norte, atual A28;
5- Quinta da Conceição, destacando o projeto para a Piscina, da autoria de Siza Vieira;
6- Nós rodoviários;
7- Início da Avenida Antunes Guimarães;
8- Refinaria da Galp;
9- Casa de Chá da Boa Nova;
10- Piscina das Marés;
11- Antigo *pipeline*;
12- Rua Belchior Robles;
13- Prolongamento da estrada marginal;
14- Avenida Engenheiro Duarte Pacheco.

Dos equipamentos previstos, apenas alguns foram construídos, com destaque para o Pavilhão de Ténis, da autoria do próprio Távora 1, localizado à cota média da quinta, e peça central no desenho da mesma, e para a Piscina, desenhada por Álvaro Siza, na altura seu colaborador, em torno de um tanque de rega que já existia na cota alta da quinta.
Siza desenvolve o projeto entre 1957 e 1968, ano em que a obra fica completa. Um processo em que o arquiteto se depara com uma nova autonomia, dado que Távora lhe faz uma proposta extraordinária: "O melhor é você levar isso para casa, desenvolvê-lo por si; prometo acompanhar o trabalho, sempre que julgue necessário" (Siza Vieira, 2019a, p.195).
Siza entrega o anteprojeto em 1958 e o projeto é aprovado em 1961, iniciando-se a obra que é interrompida por motivos financeiros, levando ao desenvolvimento de uma terceira fase entregue em 1966. Analisando as 3 fases, verifica-se uma notória mudança na abordagem ao projeto. Inicialmente, era prevista apenas a valorização do tanque já existente e o desenho dos seus equipamentos de apoio (CMM, 1958), posteriormente, é reconhecida a importância da integração e estabilização da topografia por parte dos edifícios, bem como uma necessidade de constante relação com a natureza circundante, pelo que Siza "... adotou uma solução em que edifícios, muros e pátios formam uma envolvente contínua dos lados norte e poente" (CMM, 1961). Na última fase e depois da interrupção na obra, que "permitiu repensá-la e amadurecer o projeto." (Siza Vieira, 2019a, p.196), torna-se clara a utilização de muros de suporte que encerram o recinto da piscina a Sul e a Nascente e ao mesmo tempo, estabilizam a topografia, em três cotas distintas de solário, que acompanham a colina "... dissolvendo-se na vegetação e nas ondulações do terreno." (Siza Vieira, 2019a, p.195).
Desta forma, o projeto vem coroar o novo parque público, proporcionando uma experiência intimamente marcada pela relação com a natureza, onde os balneários permitem uma continuidade de relação com a vegetação, onde o recinto da piscina tem como limites, não só os muros, mas também as enormes copas das árvores que se elevam por trás deles. Um objeto branco, contrastante com a sombra e o verde do parque, dotado de uma atmosfera interior singular, um projeto que Siza integra na operação territorial de Fernando Távora à qual, ainda hoje se reconhece a enorme importância. Uma operação em que, ao contrário do que se vinha a verificar, é o espaço público que controla o crescimento do espaço portuário, promovendo a relação equilibrada entre os dois, previamente ilustrada.
Esta necessidade do controlo da infraestrutura industrial por parte do desenho urbano, irá repetir-se, como se verá, no projeto para a Marginal de Leça da Palmeira, em que Siza é verdadeiramente o protagonista na transformação territorial da frente marítima de Matosinhos. Esta intervenção será, no entanto, a última, no conjunto de obras que o arquiteto desenvolve para esta zona. De modo a proceder à análise pormenorizada dessa transformação, foi então necessário estudar a Piscina das Marés, a Casa de Chá da Boa Nova, e a Refinaria da Galp, procurando a sua origem, de forma a reconhecer todos os objetos que Siza articula com a intervenção na Marginal.

Figura 22 – Piscina da Quinta da Conceição. Fonte: CMM, n.d.



Siza em Matosinhos
Casa de Chá da Boa Nova

Em 1958, Távora ganha o concurso da Câmara Municipal de Matosinhos lançado em 1956, com o anteprojeto para a Casa de Chá da Boa Nova. Esta obra fez parte do programa de valorização turística da costa de Leça da Palmeira (Salgado, 2005) e encontra-se na zona da Boa Nova, perto da Capela da Boa Nova e do Farol de Leça da Palmeira, enfrentando o Oceano Atlântico a oeste e enquadrando-se entre a Praia da Nossa Senhora da Boa Nova (a sul) e a Praia Azul (a norte) sem "voltar costas" à Refinaria da Galp (a este).
Fernando Távora, escolhe esta implantação por se encontrar num promontório fortemente caracterizado por rochedos que ganham terra ao mar (figura 23), mas também pela carga simbólica associada à memória dos habitantes locais em relação ao poeta António Nobre – assinalada pela colocação, em meados dos anos 1940, de uma inscrição numa placa de mármore num dos rochedos da praia, de uma quadra de um dos seus sonetos que evoca a Boa Nova[1].
Fernando Távora entrega o desenvolvimento do projeto a Álvaro Siza, com a colaboração de Alberto Neves, António Menéres, Botelho Dias, Joaquim Sampaio e do Eng. Napoleão Amorim (Salgado, 2005).
O acesso à Casa de Chá é feito através de uma estrada entre os muros de contenção da Praia da Senhora da Boa Nova, pintados de branco, numa colina verde, na qual a própria Casa de Chá se "encaixa". Esta integração do edifício na envolvente, com a manipulação do terreno e criação desta colina, apesar de artificial, confere-lhe um carácter natural que se tornou intrínseco àquele local, reforçando as relações com a Marginal de Leça, bem como com a Capela de S. Clemente das Penhas (Capela da Boa Nova) - que Siza tenta manter o mais natural possível, assumindo a sua presença simples nesta paisagem (Siza Vieira, 2019a) - e até com a Refinaria.
A chegada ao pequeno alpendre da entrada é algo sinuosa e feita através de escadas e planos horizontais e verticais que se moldam aos rochedos e à topografia do terreno, enquadrando o horizonte, bem como várias perspetivas da paisagem costeira de Matosinhos. No seu interior, a organização espacial em planta desdobra-se formando quase uma borboleta e resultando em dois espaços principais – os dois salões. Programaticamente o salão de chá e o restaurante estão organizados em três níveis com ligeiras diferenças de cota - o da entrada, do salão de chá e do salão de jantar.
Ao longo de todo o edifício, a relação interior-exterior é essencial e reveladora da força da vivência dos seus espaços. É nas suas aberturas que se sente a verdadeira delicadeza da sua implantação, abrindo-se sempre que possível para o exterior. As grandes janelas de alto a baixo são recolhidas e todo o salão de chá passa a comunicar, não só visualmente, mas também fisicamente com o exterior – delicadeza esta que contrasta mais uma vez com a grande escala da sua envolvente, que é não só caracterizada pela frente costeira na qual se insere, mas também pelas relações visuais que se estabelecem atualmente entre si, a Marginal, o Farol e a Refinaria de Matosinhos.
Atualmente, a forte paisagem industrial contrasta

1. Inscrição da quadra de António Nobre: Na praia lá da Boa Nova, um dia, / Edifiquei (foi esse o grande mal) / Alto Castelo, o que é a fantasia, / Todo de lápis-lazúli e coral!

com a paisagem daquele lugar aquando da implantação da Casa de Chá na costa de Leça da Palmeira. Tanto a implantação da Casa de Chá, como o complexo industrial da refinaria são momentos de perturbação da paisagem existente. No primeiro caso, mimetizando elementos naturais e causando um momento de suspensão entre os rochedos e a colina verde; no segundo, como um elemento de rutura com a malha da cidade e com a sua herança.

Ou seja, os dois elementos desenham-se um sem o outro – a Casa de Chá é projetada e construída antes da edificação da Refinaria; e a Refinaria é indiferente à existência da Casa de Chá – e dialogam entre si de uma forma pouco óbvia, acentuada pela grande diferença de escalas de ambos. A Casa de Chá, é, em planta, 4000 vezes mais pequena do que o complexo industrial da Refinaria, e tem como cota máxima 9 metros de altura em relação à cota da linha do mar, enquanto algumas chaminés da refinaria ultrapassam os 100 metros. Estas relações de grandeza comparadas, resultam assim, numa paisagem de contrastes.

Em 1990, a Casa de Chá foi reabilitada após revelar visível desgaste. Álvaro Siza, juntamente com Carlos Castanheira, Cristina Ferreirinha e Jane Considine, recuperam o aspeto original do edifício "de tal forma que a sua reabertura se poderia confundir com a sua inauguração" (in Salgado, 2005, p.98). Em março de 2011 o edifício é considerado Monumento Nacional, o que não impediu que, em 2012, após o contrato da concessão ter cessado, a Casa de Chá tivesse ficado fechada e ao abandono, começando rapidamente a ser vandalizada (Público, 2012). Ao longo de mais de um ano, a degradação do edifício foi-se intensificando, ficando à mercê do clima agreste desta zona.

Entre 2013 e 2014, a Casa de Chá foi novamente alvo de obras profundas sob a orientação de Álvaro Siza. A degradação do monumento era tal que foi imperativo refazer alguns elementos na sua totalidade para manter a integridade do carácter do edifício (Público, 2013). Este momento foi aproveitado por Siza para reabilitar também a zona exterior do edifício: a recuperação da icónica colina verde na qual o monumento aparenta pousar. Esta havia sido desvirtuada e transformada em parque de estacionamento que servia também a Capela da Boa Nova (Público, 2012).

Assim, este edifício nem sempre teve a atenção que merecia, mesmo tendo a qualidade de monumento nacional, quase que acabou por ficar esquecido na sua pequenez, escondido por trás de uma colina, em contraste com a escala da sua envolvente. Neste sentido, vale a pena recuperar as palavras de Álvaro Siza que diz:"É interessante a monumentalidade. Porque depois também há uma ideia de monumental enquanto o grande, tem a ver uma coisa com a outra, mas é mais primário" pois isso, só por si, não se traduz numa condição para se tornarem monumentos nacionais. Ficando a questão, quais são, afinal, os atributos que um edifício requer para ser elevado à condição de monumento.

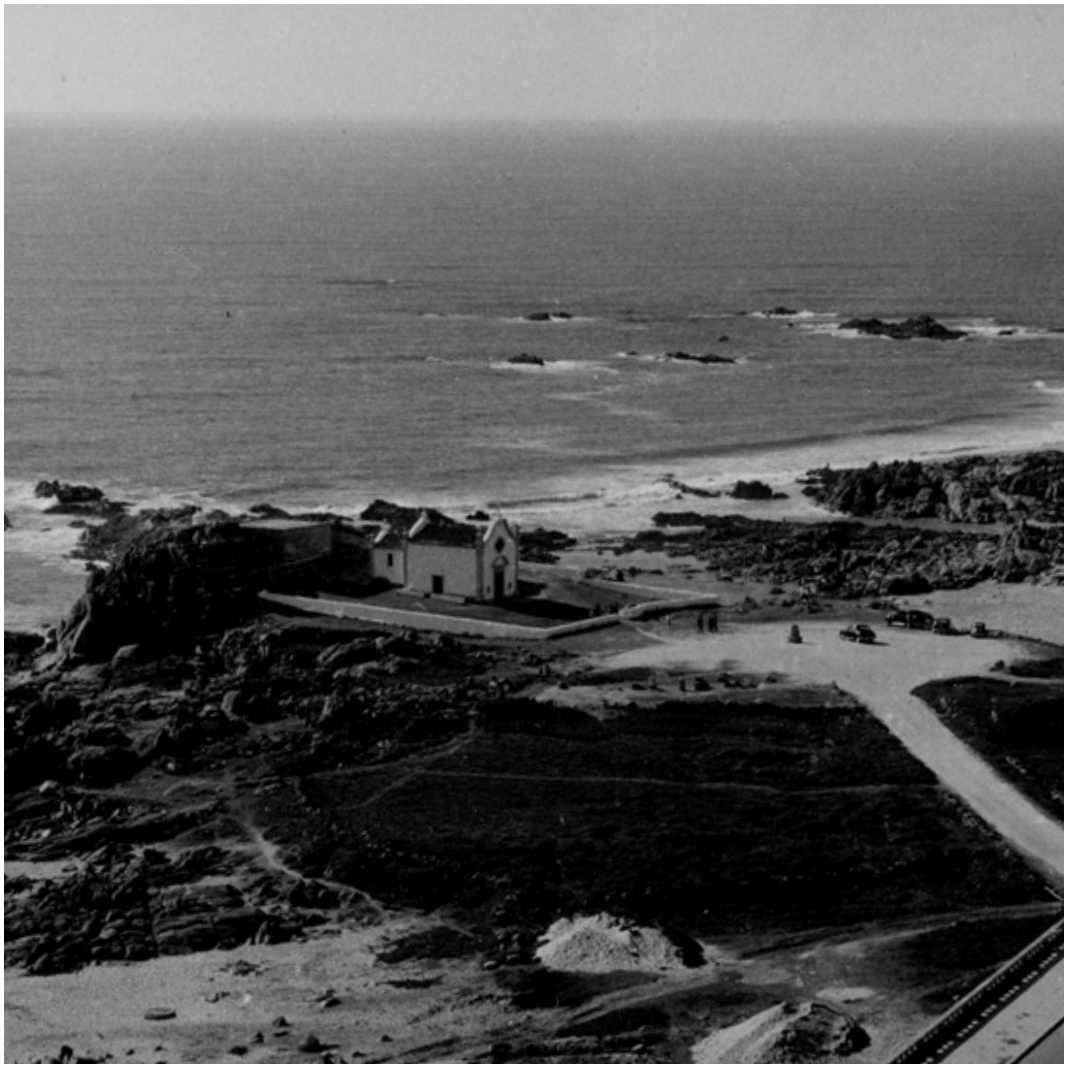


Figura 23 – Capela da Boa Nova e terreno antes da construção da Casa de Chá nos anos 50. Fonte: CMM, n.d.

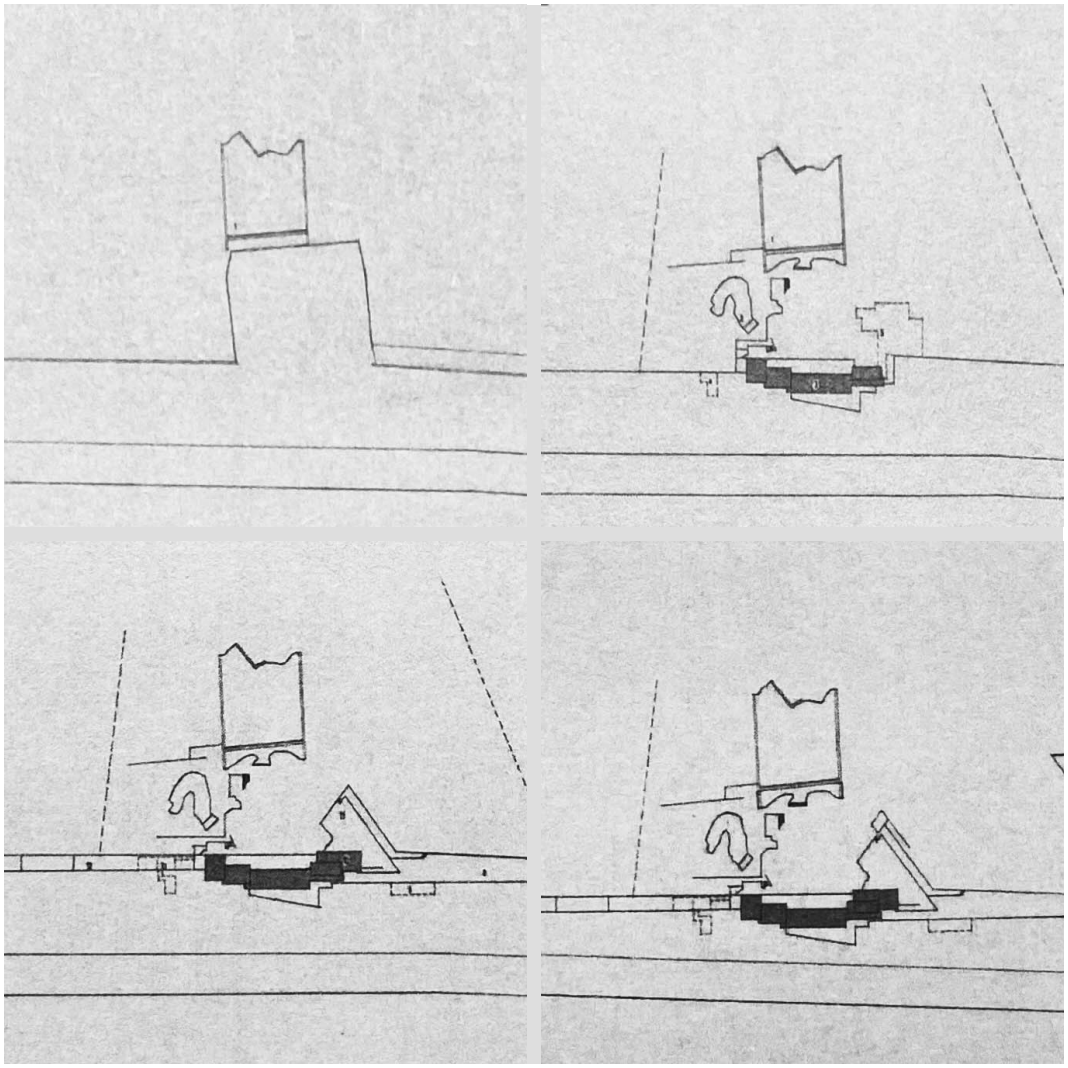


Figura 24 – Zona da Boa Nova após a construção da Casa de CháW. Fonte: CMM, n.d.

Siza em Matosinhos
Piscina das Marés

Como já mencionado, no final do século XIX e início do século XX, Leça da Palmeira era conhecida como estância balnear. Com a necessidade de construir novas infraestruturas de apoio às atividades balneares, em 1944, David Moreira da Silva, no Anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Matosinhos – Leça, propõe a expansão da cidade para norte, referindo-se já à possibilidade de ali se vir a implantar uma piscina de marés (Oliveira, 2000). Esta intervenção só viria a concretizar-se em 1959, com um pedido de viabilidade e orçamento da Câmara Municipal de Matosinhos, com o intuito de avançar com a construção de uma piscina de marés que, numa primeira fase, consistia apenas num tanque retangular ancorado nos rochedos junto à praia (Lobo, 2012).
Em 1960, o arquiteto Álvaro Siza é indicado para integrar os trabalhos da primeira fase de construção do tanque de água – que já decorria – e posteriormente, os trabalhos da fase de projeto e construção das estruturas de apoio à piscina. Este faz algumas alterações à primeira fase de projeto, com a colaboração de António Madureira e Beatriz Madureira (Salgado, 2005).
A piscina principal é, assim, construída entre 1960 e 1961, com muros de betão ancorados nos maciços rochosos. Já entre 1963 – 1964, é construída a piscina para crianças, os balneários e equipamentos de apoio, em betão aparente. Esta segunda fase de projeto incluía ainda um estudo de implantação de um restaurante junto dos restantes equipamentos de apoio – como é visível na planta abaixo – que nunca chegou a ser construído ou mesmo projetado em detalhe.
A piscina é assim inaugurada no verão de 1965, e, em 1966, o arquiteto projeta um novo restaurante a norte da piscina, ligado a esta por um paredão, paralelo à Marginal de Leça, com cerca de 100 metros. Este novo restaurante teria uma volumetria implantada a 45 graus com a marginal, voltando-se para sul, de forma a proteger-se dos ventos de norte. Este projeto acaba também por não ser construído, ficando desenhadas apenas as suas características fundamentais. Atualmente, existe apenas um pequeno bar de apoio, muito diferente da sua versão original e numa outra localização (Salgado, 2005).
Entre 1993 e 1995, devido à severidade do mar e ao seu uso intensivo ao longo dos anos, é realizada a primeira reabilitação das piscinas, por Álvaro Siza. É, também, à época, recuperado e desenvolvido com mais pormenor o plano de 1966 para o restaurante a norte da piscina. No entanto este plano fica, mais uma vez, apenas no papel (Salgado, 2005).
A Piscina das Marés é novamente intervencionada com orientação do arquiteto entre 2018-2021, com a reposição de betão em áreas em que este se havia degradado, tendo sido ainda construída a plataforma de 100 metros de comprimento em betão armado, implementando uma vontade do arquiteto no projeto inicial, tal como explica Rui Póvoas na aula de 2 de maio de 2022 no Iscte, no âmbito do projeto final de curso.

Figura 25 – Fases de projeto da Piscina das Marés, respetivamente, 1959, 1960, 1961, 1961. Fonte: Siza, 196-, CMM.



Entende-se que o arquiteto desenha a Piscina das Marés de forma que esta interfira o menos possível com a Marginal de Leça da Palmeira, não obstruindo a vista para o mar, desenhando controladamente a sucessão de espaços, desde a entrada nos equipamentos de apoio até à chegada ao tanque.

Assim, o processo de entrada inicia-se na Avenida Marginal de Leça da Palmeira, apresentando-se com um muro baixo de betão, iniciando-se o processo de descoberta da piscina. Ao descer-se a rampa de entrada, perde-se imediatamente qualquer contacto visual com o mar e com toda a envolvente, intensificando a altura das paredes de betão à vista, o baixo pé direito da entrada para os vestiários, bem como o som do mar. O percurso continua para o interior dos vestiários, onde a luz é reduzida ao mínimo, continuando-se numa abstração completa do exterior, e permanecendo-se na penumbra enquanto se atravessa o labirinto dos vestiários até à chegada de novo ao exterior, onde o mar e a piscina se encontram.

As estruturas de apoio parecem ser, assim, simultaneamente leves e pesadas, na forma como fazem a mediação da paisagem da cidade. Pesadas pela robustez do betão à vista, pelas madeiras de Riga escurecida e pela penumbra do interior do vestiário, e, ainda assim, leves na maneira como, vistas de fora, se tornam num elemento que pousa no território e trabalha, com a Marginal, na mediação entre a praia e a grande escala dos blocos habitacionais.

A Piscina das Marés foi classificado como Monumento Nacional em 2011 e, tal como a Casa de Chá da Boa Nova, não terá sido classificado como monumento devido à sua dimensão, o que acaba por levantar questões quanto aos fatores que o levaram a ser elevado à condição de monumento. Talvez, mais do que o fator de dimensão/ escala ou da memória que lhe está associada, seja antes, neste caso, pelas qualidades inerentes ao edifício.

Figura 26 – Estruturas de apoio Piscinas das Marés anos 60/ 70. Fonte: CMM, n.d.



Marginal de Leça da Palmeira

O projeto para o arranjo da Marginal de Leça da Palmeira é desenvolvido por Álvaro Siza em colaboração com António Madureira. A primeira fase inicia-se, a pedido da Câmara Municipal de Matosinhos e financiada pela empresa GALP (Madureira, 2022), com o anteprojeto em maio de 2002 e o projeto de execução em 2003. Siza e Madureira desenham uma extensa e contínua promenade, com início de obra em 2004, que arranca junto do Forte de Nossa Senhora das Neves – na zona histórica de Leça da Palmeira, perto do atual Porto de Leixões –, e estende-se até ao nó com a Refinaria da GALP, onde se localiza o Farol da Boa Nova.

Para contextualizar, é necessário recuar ao final do século passado, pois a construção da Refinaria de Matosinhos na zona da Boa Nova alterou profundamente a frente marítima e o panorama do país. A Refinaria da Sacor começou a ser instalada em Matosinhos, em 1966. No seguimento do fecho do Canal do Suez, em 1967, devido à Guerra dos Seis Dias, o governo lançou um concurso para a sua ampliação, e a instalação de uma nova refinaria, em Sines, para o desenvolvimento da indústria petroquímica nestes dois polos do país (Castaño, 2017). Após o término da construção do terminal de petroleiros do Porto de Leixões, em 1968 (Cleto, 1998), e do pipeline que se estendia para norte, estavam assim reunidas as condições que permitiam a abertura deste enorme complexo industrial, implantado numa área de cerca de 200 hectares, junto do aterro criado, na zona da Boa Nova, pela depositação das areias, lamas e pedras oriundas das escavações das sucessivas ampliações do Porto de Leixões. Apesar de fortemente relacionada com a frente marítima, a Refinaria altera profundamente a paisagem de Leça da Palmeira e Matosinhos, com os seus grandes volumes e dezenas de chaminés (algumas com mais de 100 metros de altura visíveis a grande distância).

Estabelece-se, desta forma, o limite norte da malha urbana principal de Leça da Palmeira, originando, no início dos anos 1970, uma mudança de paradigma. O núcleo de Leça cresce acentuadamente até ao início do século XXI, não só devido à crescente procura das condições balneares de excelência e consequente promoção imobiliária, mas também pelo aparecimento da Refinaria que transformou profundamente a paisagem costeira de Leça da Palmeira – que até ali mantinha quase na totalidade um cariz rural, com pequenos terrenos de cultivo e praticamente intocada.

Neste seguimento, Siza e Madureira iniciam um amplo estudo onde propõem um novo desenho para a Marginal que pudesse responder às necessidades da época (Salgado, 2005).

Figura 27 – Plano para a Marginal de Leça de 1972. Fonte: Siza, 1972, CCA.


C.M.M.

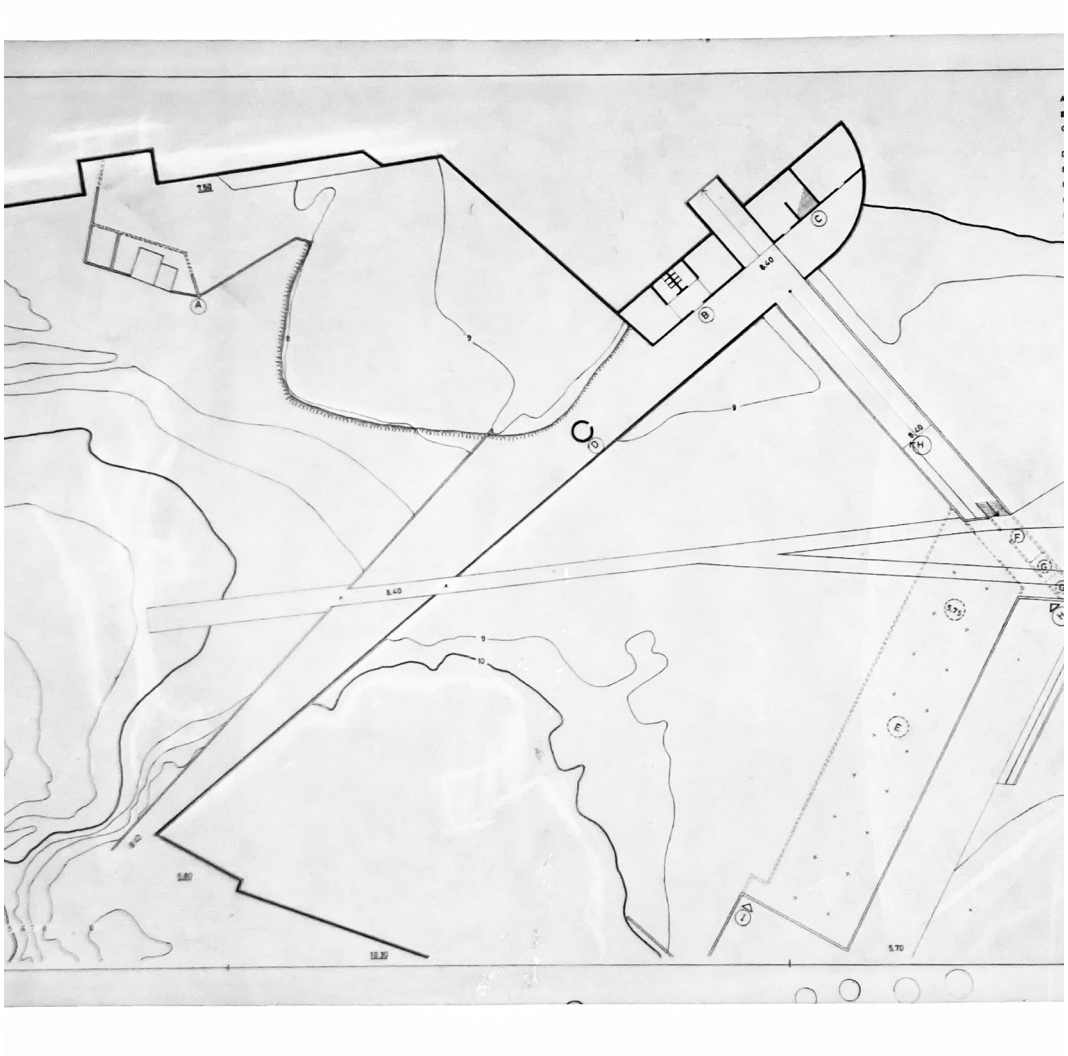


Figura 28 – Projeto para a zona da Boa Nova, de 1974.
Fonte: Siza, 1974, CCA.

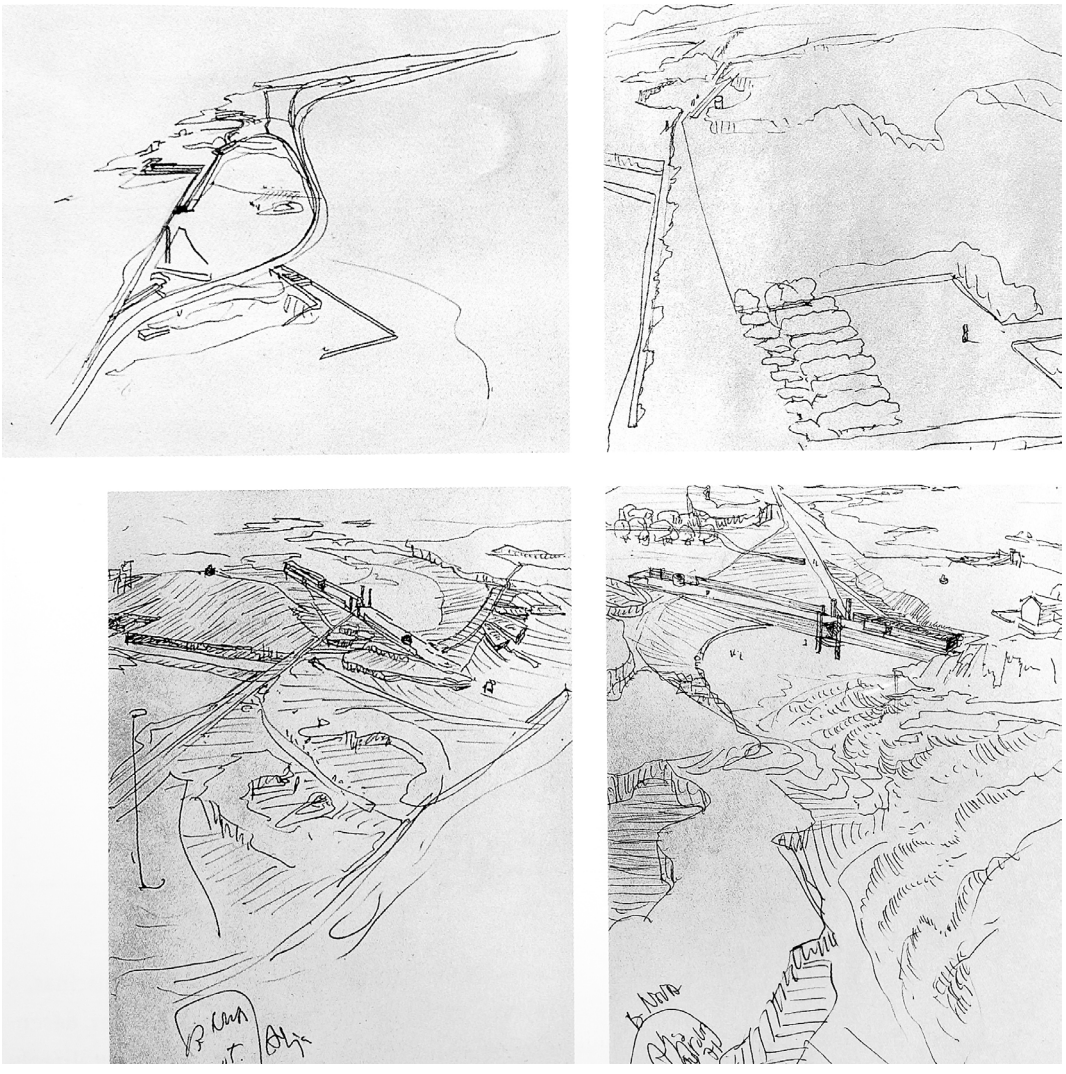


Figura 29 – Esquiços do projeto para a zona da Boa nova, de 1974. Siza, 1974, CCA.

Como Siza expressa "Naquele momento, começava a tornar-se evidente a necessidade de coordenar as intervenções na zona, a fim de que esta relação e o carácter do lugar não se perdesse" (Siza Vieira, 1998), assim, este estudo tinha como base a envolvente e a intensidade do tráfego que se notava na frente marítima e, seguramente, foi o mote para o início do projeto. Para além disso, era notável a pressão imobiliária que se sentia do lado nascente da Avenida dos Centenários, como explica o arquiteto António Madureira na entrevista de 7 de fevereiro de 2022:

"A Piscina de Leça já estava a funcionar e ia ensinando alguma coisa do que se estava a passar ali. E havia outro problema que era a construção de edifícios... estava a haver uma pressão muito grande para construir edifícios do lado nascente da Avenida. [...] Nós o que valorizávamos era o mar, a ideia era essa, aquilo era um plano para o mar, estar ao lado do mar, estar com o mar, levar as pessoas para o mar. O que é que aquilo pediu?"

Com o desenvolvimento do plano, e neste mesmo ano, Siza e Madureira, juntamente com Francisco Guedes de Carvalho e Francisco Lucena, pensam num redesenho do término da Marginal junto à Casa de Chá e da Capela da Boa Nova. No entanto, é desconhecido o contexto em que o projeto para o mesmo surge, uma vez que não foi publicado, encontrando-se apenas uma imagem relacionada com o plano para a Marginal de 1966-74 (A. Siza, 54-76, Blau Itinerário de projetos, p. 205). Pode-se observar, em alguns esquiços de Álvaro Siza, a representação desta intenção. Estes mostram o estudo para um novo acesso à Praia Azul, com equipamentos de apoio, um novo restaurante e um novo estacionamento. No entanto,

"Com o 25 de abril, claro, [houve] uma mudança total na política, mesmo na política autárquica. [Houve] outros problemas mais urgentes, forças que se desenvolveram que saltaram para a rua, que manifestaram muito mais interesse, por exemplo, em questões que tinha a ver com a habitação do que com a Marginal de Leça [...] faço-me entender? Realmente havia coisas mais importantes e o projeto caiu, caiu naturalmente, como vários projetos caíram no Porto." (Madureira, 2022).

O plano da década de 1970 viu-se abandonado com a revolução e seguiram-se loteamentos que comprometeram o carácter do lugar e possibilidades infraestruturais para o futuro, restando apenas, como parte do plano, o monumento a António Nobre, construído anos mais tarde (Siza Vieira, 1998), em 1980 (Salgado, 2005).
Já na década de 1990, o tecido urbano vem-se a consolidar, mas desordenadamente, fugindo ao PDM aplicado em 1992 (CMM, 2015, p.12). É implementado um plano de ordenamento, o Plano Belchior Robles, 1997, pelo arquiteto Luís Berrance no qual o autor pretende colmatar o desmesurado crescimento urbano que seguia os antigos caminhos como doutrina para arruamento e estimular os programas comerciais de apoio à praia, ou seja:

"Definir regras claras e lógicas para as propriedades públicas e privadas, através de uma visão de conjunto, designadamente definindo os critérios gerais da forma urbana, os parâmetros

urbanísticos, o destino das construções, os locais destinados a equipamentos, os espaços livres e o traçado esquemático das infraestruturas e rede viária" (Santos, 2013, p.111).

Aparecem novos blocos habitacionais que acompanham a linha costeira – com exceção do vazio causado pela estação radiotelegráfica, que se veio a revelar um entrave na aplicação correta do plano descrito – mas que vieram a quebrar a horizontalidade e harmonia entre as pequenas edificações e o mar. Desaparece, portanto, o que restava da antiga paisagem costeira de Leça da Palmeira e a implementação do projeto para a Marginal torna-se uma necessidade. Em grande parte, para resolver vários problemas infraestruturais relacionados com a Refinaria do Norte, e o antigo pipeline da Petrogal de ligação ao Porto de Leixões – como perigosos derrames e o cheiro a petróleo nas caves das habitações, como conta a arquiteta Raquel Paulino, colaboradora no projeto do arranjo da Marginal, na entrevista de 7 de fevereiro de 2022. O pipeline tinha de ser mudado.

"O primeiro projeto que apareceu, tinha que por, simplesmente, liquidar a Piscina de Leça, porque os oleodutos iam ao longo da costa, ao longo da areia. O, então, Presidente da Câmara [...] não queria, então chamou o Siza e disse-lhe: Isto aqui assim é muito complicado... vamos ver se encontramos uma alternativa." (Madureira, 2022).

A substituição do pipeline era inevitável, mas "não se pensava desmantelá-lo, tinha que continuar operacional durante a obra devido a questões ambientais" (Paulino, 2022). desafio seria não sobrepor o novo traçado do pipeline ao antigo, era necessário fugir ao traçado original. Deste modo, todo o desenho da marginal, viu-se fortemente condicionado pelo desenho do pipeline. "Tal exigiu uma metodologia de trabalho baseada no contacto permanente com as entidades envolvidas" (Madureira, 2022) e um rigoroso cuidado nas questões de pormenor.

"Não só a Câmara estava interessada e colaborou fortemente [...], como o próprio pessoal técnico e administrativo da GALP, que queria o problema resolvido e bem resolvido [...] temos a conjugação dos interesses que estavam em presença e das forças que nos foram atribuídas" (Madureira, 2022).

A substituição do pipeline era inevitável, mas "não se pensava desmantelá-lo, tinha que continuar operacional durante a obra devido a questões ambientais" (Paulino, 2022). desafio seria não sobrepor o novo traçado do pipeline ao antigo, era necessário fugir ao traçado original. Deste modo, todo o desenho da marginal, viu-se fortemente condicionado pelo desenho do pipeline. "Tal exigiu uma metodologia de trabalho baseada no contacto permanente com as entidades envolvidas" (Madureira, 2022) e um rigoroso cuidado nas questões de pormenor.

"Não só a Câmara estava interessada e colaborou fortemente [...], como o próprio pessoal técnico e administrativo da GALP, que queria o problema resolvido e bem resolvido [...] temos a conjugação dos interesses que estavam em presença e das forças que nos foram atribuídas" (Madureira, 2022).

Para além das questões infraestruturas, outras condicionantes influíram no desenho final. A cota a que se encontrava a Avenida dos Centenários mudou, "[...] não tinha a cota de agora, teve de ser ajustada e, junto do Farol, subiu significativamente, penso que 1,5metro/ 2metros" (Paulino, 2022). Isto porque todas as construções que foram feitas à data da Avenida dos Centenários não se relacionavam com a frente marginal, e foi necessário melhorar o acesso à mesma. Por outro lado, a circulação rodoviária era também uma grande questão a ter em conta, dominando o traçado da Avenida, em comparação com a circulação pedonal. Tal como a arquiteta Raquel Paulino expõe na entrevista, a circulação era demasiado rápida e fazia com que não fosse convidativo os habitantes aproveitarem a frente marginal. Mantendo a linearidade do traçado, a Avenida é re-perfilada com espaços mais generosos para os peões.
Os diversos espaços e elementos são pensados ao detalhe de maneira a garantir o seu uso adequado e conferir qualidade espacial. Desde a retificação de alinhamentos, o desenho da circulação automóvel e de bicicletas, até como se desenham as passadeiras e se propõe estacionamentos adequados, de maneira a facilitar o acesso à Marginal e, pelo lado do mar, às praias. Assim, os arquitetos procuravam fundamentalmente, pelas palavras de António Madureira (2022):

"[...] que daquilo construído, rapidamente parecesse estar ali há 30 [anos] ou mais, [...] que não mexesse muito no espírito da Marginal de Leça, e uma das questões importantes que se punha era a questão da vegetação".

Entendendo-se esta procura por uma delicadeza nos detalhes desenhados, é importante olhar em pormenor para como os elementos construídos que definem esta frente marítima, que se estende ao longo de 1,5 quilómetros de comprimento, se relacionam com os elementos pré-existentes e controlam as condicionantes naturais como as rochas e as bolsas de areia das praias.
Partindo do interior das pequenas habitações e dos grandes blocos, encontra-se a frente de mar desafogada. Em primeira instância, a circulação automóvel que sofreu uma redução ao máximo na largura das faixas de rodagem para seis metros cada (Paulino, 2022), de modo a resolver o entrave que proporcionava à ocupação da frente marginal e permitir a acomodação de estacionamentos de ambos os lados das vias. A vegetação, ligeiramente a uma cota mais elevada que a circulação automóvel, e que contrabalança a imposição das fachadas viradas para o mar, viu-se limitada pelas condições meteorológicas – o vento e o mar, extremamente agressivos para a sobrevivência desta. Assim, os arquitetos optaram por metrosíderos "que conseguem um desenvolvimento grande e com excelente comportamento na nossa costa", não cedendo à pressão de algumas forças políticas que exigiam palmeiras ao longo da marginal, mas que morreriam vítimas do clima extremo, como conta António Madureira (2022).

Figura 30– Abertura da Marginal para a construção dos novos *pipelines* junto à praia, aquando do arranjo da Marginal de Leça da Palmeira. CMM, 2004.



No alinhamento com os eixos de circulação que penetram para o interior dos blocos habitacionais, traçam-se as passadeiras que permitem o atravessamento do peão para o lado do mar. Vincando-se estes eixos na importância da permeabilidade de Leça da Palmeira, como acontece no lado de Matosinhos Sul.
O negro do alcatrão das largas faixas de rodagem pré-existentes, é substituído por uma alameda de microbetão betuminoso a frio que camufla o pipeline subterrâneo. Assim, Siza e Madureira trazem para o projeto a aparência de areia do extenso areal da frente de Leça da Palmeira que, no fundo, devido à grande exposição aos ventos, é varrida da praia para a Marginal. É esta inevitabilidade que confere significado ao projeto e preserva o seu carácter natural.
De seguida, outra barreira verde que acompanha o limite entre a Marginal e a praia – um muro de betão, formado por painéis de betão de 1,2 metro x 2 metros, colocados a eixo pelo centro do murete, que se faz acompanhar em determinados momentos por bancos em blocos maciços de granito cinza, "pedras salgadas", e um acabamento a pico fino, que integram aberturas em negativo para as luminárias (CMM, s.d.).

"Além disso existia um muro, de pedra rebocada, com mais de um quilómetro e meio de comprimento, que separava claramente o nível da marginal do da praia. Para além do muro, só um estreito carreiro dividia a área da estrada da praia: como entrar?" (Madureira, 2022)

Por fim, encontram-se, pontualmente, os acessos à praia, que partem dos muros pré-existentes corrigidos e realinhados em sítios específicos ao seguir o eixo marcado pelas passadeiras. Estes acessos em rampa ou escadas – com degraus de granito amarelo "caverneira" com o mesmo acabamento que os bancos – são antecedidos por um momento de pausa, de descanso, de contemplação, que se vira para o mar pela forma em L e U dos bancos que definem o espaço. Nestes momentos de abertura para a praia, o chão é definido por placas de granito, tiradas de uma peça maciça. As placas são alinhadas ao detalhe de fazer coincidir as suas juntas com as juntas dos blocos maciços que formam os bancos (CMM, s.d.).
A segunda fase do projeto, na sua extensão de 1,8 quilómetros, inicia-se em 2002 com o anteprojeto e com início de obra cinco anos mais tarde, em 2007. Trabalha sobre uma realidade costeira bastante díspar da primeira com a requalificação paisagística da Ribeira da Guarda – com a consolidação e conservação do sistema dunar e da flora costeira e introdução de passagens pedonais (CMM, 2021). Ainda assim, como na fase anterior, reperfilaram-se arruamentos e criaram-se novos, construíram-se estacionamentos, percursos pedonais e uma ciclovia. Esta intervenção de Siza e Madureira, que se estende na frente da Refinaria, desde o nó junto do Farol da Boa Nova até ao restaurante Rochedo, já em Perafita, também vem promover a qualidade do espaço público, a preservação da natureza e, mais uma vez, procurar o equilíbrio entre os percursos rodoviário e pedonal.

Figura 31 – Acessos à Marginal junto da zona da Boa Nova e zonas de pausa. Fonte: Brito, 2021



Considerações Finais: A Marginal de Leça da Palmeira como elemento estruturador e agregador

Para compreender a intervenção de Álvaro Siza na Marginal de Leça da Palmeira foi necessário entender os intervenientes que dialogam diretamente com esta, olhando para o território como um todo. Assim, o estudo da memória da cidade e do crescimento e declínio da indústria de Matosinhos revelou-se fundamental para perceber que a Marginal, por um lado integra e agrega na malha urbana de Leça da Palmeira as obras da Piscina da Quinta da Conceição, Piscina das Marés e da Casa de Chá da Boa Nova – redignificando-as e acentuando a sua importância de caráter monumental para a história da cidade - e, por outro, permite um diálogo direto destas obras entre si.

São, portanto, indissociáveis do olhar e da análise da Marginal, não só estes projetos, como as duas grandes estruturas industriais da cidade - o Porto de Leixões e a Refinaria da Galp. Pois, embora os três projetos e os complexos industriais, tenham sido construídos em tempos diferentes, com programas totalmente distintos e características particulares, são atualmente participantes da operação da Marginal e do território como um todo.

Desta forma, o estudo destes projetos e das suas envolventes foi importante para perceber que relações estabelecem com a própria Marginal, olhando, não só para os projetos de forma sucinta e centrada em si mesmos, mas também, e sobretudo, como parte de um todo fortemente caracterizado por relações de grandes contrastes de escala.

Esta relação traduz-se na oposição entre a dimensão desmesurada dos elementos industriais – graças à sua verticalidade e volumetria acentuada que se impõem na malha urbana – e a pequena dimensão dos projetos de Siza - com a sua escala mais humana e integrada na natureza. Assim, a dimensão industrial, quase incontrolável, transcende a escala humana e comunica visualmente com a atmosfera íntima dos projetos – repletos de momentos em que, às vezes, se tem a sensação de quase ser necessário baixar a cabeça para os percorrer –, uma escala humana controlada pela arquitetura e uma intenção que Siza assume ter perseguido, por exemplo, no projeto para a Casa de Chá chegando mesmo a dizer:

"Não consegui controlar por inteiro o espaço da sala principal. O mobiliário que neste momento estudo tenta eliminar ou, pelo menos, suavizar este e outros defeitos" (Siza Vieira, 2019a, p.17).

Estas relações de contraste de escalas na envolvente da Marginal de Leça da Palmeira, resultam numa paisagem que se pode considerar complexa e algo díspar. No entanto, pode-se descrevê-la como sendo uma única paisagem, com uma identidade singular, e fruto de uma simbiose algo artificiosa entre os seus intervenientes. Uma paisagem em que a natureza é, na linha costeira, marcada pela presença de enormes rochedos junto ao mar agitado, pelo vento de norte e pelo tapete verde extenso junto à Avenida Marginal. Noutros lugares, como na Quinta da Conceição, esta mancha verde é densa e, em ambas as situações, a natureza coabita com a indústria, com a escala desmesurada da Refinaria e as suas chaminés e com a presença constante do enorme Porto de Leixões e os seus petroleiros. Uma paisagem onde a arquitetura de Álvaro Siza age, não só como mediador, mas também como participante, tentando controlar os grandes contrastes de escala do lugar.

A Marginal, por si só, é desenhada com uma certa

rigidez nas relações que estabelece com a sua envolvente, como, por exemplo, nos encontros abruptos com o mar em algumas zonas em que as ondas embatem diretamente nos seus muros de contenção. Um único gesto, uma reta, que se estende ao longo de mais de 1,5 quilómetros com vista desobstruída para o mar e para a praia. Ao projetá-la, Álvaro Siza é como se estivesse a "coser" as várias camadas da história da cidade e não simplesmente a ligar o ponto A ao ponto B.

O arquiteto "herda" o carácter industrial de Matosinhos e Leça da Palmeira, e não o renega, respondendo de forma pragmática à necessidade de substituição e integração dos pipelines que ligam o terminal de petroleiros do Porto de Leixões à Refinaria de Leça da Palmeira, implementado um plano para a Marginal que tinha ficado "esquecido no tempo", atualizando-o e completando-o. A Marginal, sendo assim infraestrutural, mostra a impossibilidade de dissociar não só a indústria da paisagem de Matosinhos, bem como a indústria dos projetos de Álvaro Siza que com ela coexistem. Revelando-se também intemporal - pois a altura em que foi inicialmente pensada (1968-74) difere da altura em que foi construída (2005), mantendo, no entanto, a premissa original do projeto. Pode-se considerar que a Marginal acaba por ser o culminar de todas as transformações que a paisagem de Matosinhos foi sofrendo ao longo dos tempos, estruturando e organizando não só a malha urbana da cidade bem como a parte da sua infraestrutura industrial.

O projeto assume, assim, dois caráteres distintos: o industrial e o humano. A sua grande dimensão/ extensão acolhe, em simultâneo, no subsolo, os pipelines da Refinaria, e na superfície, os objetos com os quais as pessoas interagem diretamente, como os bancos, muros ou passeios. Consequentemente, encontra-se também presente o contraste entre as diferentes escalas, associadas a estes carateres deste território.

Pode-se talvez considerar que foi atribuído à Marginal de Leça da Palmeira um papel central pelos seus fatores históricos e físicos na cidade. Pois, age como elemento agregador entre a cidade e a frente d'água, bem como dos projetos de Álvaro Siza entre si; e como elemento agregador entre a herança histórica do seu território e atualidade. Mas ainda, como elemento estruturador da cidade – da malha urbana e do seu redesenho topográfico junto da frente de água e da infraestrutura industrial.

Em última instância, pode-se, então, levantar a questão se as características reunidas na Marginal de Leça da Palmeira, não são também elas inerentes à ideia de monumentalidade.

III.

Intervir na frente de água: Estratégia de grupo

Enquadramento

Partindo da análise realizada da cidade de Matosinhos, pode-se verificar que, principalmente, desde o século XIX até aos dias de hoje, esta sofreu um desenvolvimento bastante dinâmico do ponto de vista urbano, socioeconómico e político. Ora, parece então fulcral avaliar os momentos de mudança que se destacaram e como estes podem informar perspetivas e estratégias que possam ser aplicadas no futuro.

Identificam-se, assim, três grandes fases de mudança na cidade de Matosinhos. A primeira, do século XIX aos anos 1940, corresponde a um período de industrialização, potenciada pela construção do Porto de Leixões e pelo desenvolvimento da área industrial de Matosinhos Sul, que cresce apoiada, maioritariamente, na indústria conserveira. A segunda, entre os anos 1960-80, embora marcada pelo aparecimento da Refinaria de Matosinhos, apresenta um caráter de forte desindustrialização, fruto do declínio da produção de conservas, que deixa a cidade com problemas graves, a nível urbano e socioeconómico.

E a terceira, dos anos 1980 à atualidade, que é marcada pela pós-industrialização e por um período de crescimento progressivo e mais estável da cidade. Neste período, Matosinhos passa por uma regeneração urbana progressiva, apoiada numa relativa estabilidade política e socioeconómica, com o aumento das oportunidades de trabalho bem como do turismo. Em simultâneo, implementam-se estratégias de desenvolvimento sustentável, com tentativas de reestruturação da malha urbana de Matosinhos Sul, permitindo a sua reabilitação e valorização do património industrial, a par com transformações para reestabelecer o centro económico da cidade, que se encontrava em decadência desde o declínio da indústria conserveira (Duarte, 2016).

Ainda assim, a presença industrial do Porto de Leixões mantém-se como uma constante, acompanhando e alterando o rumo do crescimento da cidade. Este permanece como um elemento verdadeiramente indispensável, representando, aproximadamente, 27% do Produto Interno Bruto (PIB) do conselho de Matosinhos, 11% do PIB da Região Norte e 6% do PIB português, e ainda 20% do comércio externo português por via marítima (APDL, s.d.), continuado ainda em crescimento.

Em grande parte, a cidade também cresceu, moldando-se às novas necessidades da sociedade, no entanto, ainda peca na sua relação com as grandes infraestruturas. Com o Porto de Leixões, que se apresenta cada vez mais como uma barreira da cidade, evidenciando/ acentuando a quebra entre as duas margens do rio Leça, impondo-se de forma significativa na paisagem. E ainda com a Refinaria da Galp que ocupa uma área desmesurada da frente marginal de Leça, destacando-se pelas suas grandes chaminés, que não deixam indiferente quem por lá passa, e surgindo como uma enorme fonte poluente na cidade.

São, no entanto, notórios os esforços em prol de uma cidade com planeamento e preocupada com o bem-estar da sua população, com foco nos novos Planos Urbanos para Matosinhos Sul, Plano Diretor Municipal, bem como nos planos para a Marginal de Leça da Palmeira, pelo arquiteto Álvaro Siza, e para a Marginal de Matosinhos, pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura. Não obstante, é necessário uma procura ainda mais consciente e informada sobre a relação entre a cidade industrial e o meio natural, que se veio a perder com o desenvolvimento da cidade. Pois, embora sejam

visíveis algumas melhorias, esta ainda se encontra fortemente marcada pelas grandes infraestruturas que não podem ser ignoradas.
Tentando procurar restabelecer esta relação é, assim, importante olhar para os sistemas naturais que, através de planeamento e desenho urbano qualificado, foram sendo preservados até aos dias de hoje. É o caso da Quinta da Conceição, que corresponde a uma bolsa da cidade que se manteve preservada no meio das grandes infraestruturas industriais – estando em constante diálogo com as mesmas – sobrevivendo às constantes alterações da cidade e sendo qualificada como espaço verde já nos anos 1960.
Também a Marginal de Leça da Palmeira é exemplo disso mesmo, pois tenta estabelecer uma conexão com os elementos naturais, como o mar e as formações rochosas, e unifica os projetos da Casa de Chá da Boa Nova e da Piscina das Marés e a Marginal, estruturando a frente de água de Leça da Palmeira.
A Marginal é, portanto, uma premissa para um planeamento geral na cidade, que parte de agregar três elementos distintos: o edificado, a indústria e o natural, de forma a encontrar de novo um equilíbrio. Torna-se, então, relevante procurar novas áreas de potencialidade, que entrem no diálogo de um futuro mais ecológico.
O vale do rio Leça, para lá da A28 – que funciona atualmente como outra barreira na malha urbana da cidade – permanece intocado, mas fortemente marcado pela paisagem industrial do Porto de Leixões, levanta a possibilidade de um planeamento consciente e sustentável, com vista à leitura da cidade como um todo e como uma atmosfera diversa. Encontram-se, neste território, qualidades essenciais à unificação da cidade, contrariando uma leitura de dois centros urbanos dissociáveis. É neste vale, uma importante paisagem natural, que se pode tirar partido das suas características. Em conjunto com as necessidades da população e da cidade física em redor, é possível desenvolver uma frente verde que abraça os elementos "brutos" industriais, com programas associados e que faça parte de uma estratégia de uniformização geral da cidade em prol também de um desenvolvimento sustentável.
A frente marginal, a norte da Casa de Chá e junto à Refinaria de Matosinhos, fortemente marcada pelas vias rodoviárias, apresenta-se também como uma possibilidade de diálogo entre o ambiente natural da frente marítima e a paisagem industrial, perspetivando a sua transformação numa área mais qualificada para a cidade e verde.
A própria Refinaria, recentemente em processo de desativação, pode também apresentar-se como uma potencialidade para o futuro, possibilitando o crescimento, ou mesmo a contenção, da própria cidade, desenvolvendo a esfera ecológica a uma paisagem que está atualmente tão marcada pela indústria.
Para além destas três grandes áreas de potencialidade, há ainda uma série de outros espaços desconexos na cidade, como quarteirões desocupados ou pequenas bolsas desqualificadas, que se demonstram verdadeiras potencialidades para o futuro, podendo vir a ser convertidas em novos serviços ou em rede de espaços verdes, conforme as necessidades da população e da cidade em crescimento. Qualificar estes vazios urbanos em Matosinhos demonstra-se, então, fundamental para equilibrar o peso da indústria na malha da cidade, bem como o peso de algumas zonas urbanas mais densificadas.

Assim, o estudo do crescimento da própria cidade pode informar a resolução dos seus problemas atuais – o caso da Quinta da Conceição é muito particular devido aos seus fatores geográficos e sociais, mas não seria de todo descabido pensar que este pode ser a base para a resolução de problemas noutros pontos da malha da cidade, como no caso de algumas "bolsas" que mantiveram a sua génese natural ao longo dos tempos.

Ora, entende-se que qualquer possibilidade futura de restabelecer a vertente ecológica da cidade passará quase necessariamente, não só por reinterpretar estas "bolsas", mas também por entender que a paisagem industrial não desaparecerá, pois é peça fulcral do desenvolvimento socioeconómico da cidade (e mesmo do país). Deste modo, estas zonas, como as mencionadas anteriormente, poderão dialogar com as já existentes zonas naturais e com a infraestrutura industrial, funcionando como mecanismos ecológicos que reestabelecem o sistema natural à cidade e melhoram a qualidade de vida de quem a habita.

É ainda de notar que a análise histórica a Matosinhos expôs a necessidade de, por vezes, a cidade precisar de se transformar/ crescer num curto espaço de tempo, revelando-se essencial a elaboração de propostas com vista ao futuro, ainda para mais tendo em conta o período excecional atual em que Portugal se encontra – a receber os fundos europeus do Plano de Recuperação e Resiliência 2021 (P.R.R., 2022) integrados também na estratégia europeia 2030 – o que se revela não só como uma oportunidade de mudança e restruturação em prol de um futuro ecologicamente sustentável, como pode muito bem vir ser um novo marco histórico tanto para o país, como para a cidade.

Matosinhos deverá, assim, seguir a estratégia europeia 2030 fundamentada em seis pilares elementares para o planeamento futuro (inspirados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas) que são:

- Transição verde;
- Transformação digital;
- Crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, incluindo coesão económica, emprego, produtividade, competitividade, investigação, desenvolvimento e inovação, e um Mercado Único em bom funcionamento com pequenas e médias empresas (PME) fortes;
- Coesão social e territorial;
- Saúde e resiliência económica, social e institucional, inclusive com vista ao aumento da capacidade de reação e preparação para crises;
- Políticas para a próxima geração, crianças e jovens, incluindo educação e competências.

Confrontando estes objetivos estratégicos com a análise da cidade, percebe-se, então, que as problemáticas consequentes das condições socioeconómicas, culturais, geográficas, ecológicas e políticas que se têm vindo a identificar ao longo dos tempos em Matosinhos (CMM, 2018 e CMM, 2016), se mantêm absolutamente atuais e que é, por isso, fundamental agarrar esta oportunidade para as resolver, planeando o presente e o futuro.

Estratégia para a cidade

Com base nesta análise e reflexões da cidade de Matosinhos atualmente, é possível definir uma estratégia de intervenção no território que aborde estes aspetos importantes e estruturantes da cidade.

O seu objetivo principal parte por resolver as fragilidades e debilidades do território, unificando as duas zonas urbanas de Matosinhos e de Leça da Palmeira num único grande centro urbano – assumindo a presença das grandes infraestruturas industriais como parte indissociável da paisagem, trabalhando com elas.

Portanto, introduzem-se três grandes fatores importantes nesta estratégia. Um deles, é a frente de água e o seu sistema verde natural, que integra as zonas verdes do Vale do Rio Leça, da Quinta da Conceição e da Marginal de Leça da Palmeira, formando um grande elemento natural continuo estruturador da malha urbana. Este, pode alear-se a um outro fator, o das bolsas de vazios urbanos presentes na cidade.

No interior da malha urbana do núcleo de Leça da Palmeira, encontram-se alguns vazios urbanos, que são consequência do crescimento rápido da cidade e, por vezes, o resultado de planos de urbanização que ficaram por concretizar, e outras, o resultado de planos que não previam uma estratégia concreta para estes espaços.

Destacando-se, sobretudo, os vazios urbanos no contacto com a Marginal de Leça, com a Rua Afonso Baldaia e com a Refinaria, pode-se interpretá-los como sendo uma oportunidade para o desenvolvimento da cidade, com a hipótese de lhes associar programas, como equipamentos para a comunidade ou zonas verdes qualificadas, que complementem a frente de água e o seu sistema verde natural, podendo assim, ser o mote para a promoção da permeabilidade destas zonas. Com a sua qualificação surge, então, a oportunidade de lhes aliar um equipamento de mobilidade, sendo este o terceiro fator fundamental da estratégia.

A camada da mobilidade, sobretudo no contacto entre Matosinhos e Leça da Palmeira, encontra-se algo fragilizada, revelando-se num fator determinante a ter em conta numa estratégia para o futuro. Note-se o caso da linha de metro de superfície que chega a Matosinhos vinda da cidade do Porto, projetada no início dos anos 2000 pelos arquitetos Eduardo Souto de Moura e Alcino Soutinho, que termina na zona do senhor de Matosinhos, não transitando para Leça como havia sido planeado originalmente (Metro do Porto, 2022).

No século XX as antigas estruturas ferroviárias de passageiros que transpunham o rio Leça (Figura 20) já se revelavam peças fundamentais na mobilidade, demonstrando a sua relevância como um elemento-chave de integridade urbana e social de Matosinhos. Esta noção talvez se tenha perdido ao longo do tempo, com o crescimento do Porto de Leixões, mas revela-se necessário recuperá-la e incluí-la numa estratégia de unificação da malha urbana, não só da cidade de Matosinhos, como também da própria área metropolitana do Porto.

Deste modo, a estratégia geral de intervenção passa pela expansão da linha do metro de superfície a partir do ponto onde termina atualmente – na margem sul do Porto de Leixões, junto da encosta do Bairro dos Pescadores, na Estação Terminal do Senhor de Matosinhos – transpondo o rio Leça e a infraestrutura portuária ao se agregar à ponte da A28, sem adicionar, assim, uma nova camada à já confusa malha urbana que se encontra neste lugar.

O prolongamento da linha do metro segue, então, pela Avenida António Guimarães, na margem norte do rio e integra-se na frente de água e no sistema verde natural junto à Quinta da Conceição até subir pela Avenida Dr. Fernando Aroso em direção ao núcleo urbano de Leça da Palmeira. A partir deste ponto, a linha passa pela Avenida Combatentes da Grande Guerra até encontrar a Rua do Sol Poente. É a partir deste momento que o eixo de mobilidade se consegue alear à possibilidade de qualificar os vazios urbanos de Leça da Palmeira, potenciando a permeabilidade entre o interior urbano e a frente de água e o seu sistema verde – neste caso a Marginal de Leça da Palmeira. Permitindo, assim, um maior fluxo de pessoas a partir do/ para o núcleo urbano de Leça e ajudando a regenerar as suas ligações com a linha costeira marítima, sobre tudo através da qualificação das bolsas de vazios urbanos indicadas a cor bege no mapa da estratégia geral (figura 32).

A linha do metro segue até ao encontro com a Rua Belchior Robles, passando junto à Refinaria de Matosinhos, agora desativada – mais um ponto estratégico no planeamento da mobilidade e com vista ao desenvolvimento futuro da malha urbana da cidade, dado que pelo menos a maioria dos seus 200 hectares serão "devolvidos" à cidade e que precisará, eventualmente, de eixos de mobilidade.

Por fim, a linha encontra a Avenida Liberdade, continuando junto dos terrenos da Refinaria e em direção a Perafita, integrando-se, mais uma vez, na frente de água e no seu sistema verde, possibilitando a sua expansão para norte.

Desta forma, é possível, não só "aproximar" as duas margens do rio, mas também a frente de água ao núcleo urbano de Leça, e ainda interligar, através desta camada de mobilidade, diversas outras camadas socioeconómicas – como zonas verdes qualificadas, superfícies comerciais, estabelecimentos de ensino, a Casa de Chá da Boa Nova, o Farol de Leça da Palmeira, etc.

Figura 32 – Estratégia geral de intervenção, incluíndo os sistemas verdes do vale do rio Leça, a Quinta da Conceição e a Marginal de leça da Palmeira. Fonte: os autores, 2022



1 - Hospital Pedro Hispano
2 - Palácio da Justiça de Matosinhos
3 - Bombeiros de Matosinhos
4 - Câmara Municipal de Matosinhos
5 - Passeio pedonal “Broadway” , memória do antigo troço do Ramal de Leixões, preservada por Álvaro Siza no plano de Matosinhos Sul aprovado em 2009 (CMM, 2018)
6 - 3 blocos habitacionais de Alcino Soutinho e Marginal de Matosinhos - Programa POLIS, de Eduardo Souto de Moura
7 - Complexo industrial, EXPONOR
8 - Complexo industrial, MarShopping
9 - Oleodutos
10 - Linha do metro de superfície e proposta de prolongamento para Leça da Palmeira, destacando os vazios urbanos e os principais eixos na malha urbana de Leça
11 - Área de intervenção do novo Centro Social da estação do Senhor de Matosinhos
12 - Área de intervenção do novo Parque Desportivo do vale do Leça
13 - Área de intervenção do novo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental
14 - Área de intervenção do novo Centro Multidisciplinar da ETAR de Matosinhos

As quatro propostas individuais

Esta estratégia geral para a cidade de Matosinhos é, então, uma ação conciliatória do território em conflito que favorece o diálogo com os ecossistemas naturais, tendo em vista uma perspetiva para o futuro. É evidenciada, assim, a necessidade de se aprofundar determinadas zonas deste território, todas elas diretamente relacionadas não só com a frente de água e o eixo de mobilidade, como fatores fundamentais desta estratégia geral, bem como com a herança industrial de Matosinhos, e ainda com alguns dos seis pilares elementares para o planeamento futuro previstos na Estratégia Europeia 2030.

Portanto, definem-se quatro intervenções pontuais na cidade - duas na margem sul do rio Leça, em Matosinhos, e outras na frente marítima de Leça da Palmeira, quase que criando duas frentes de desenvolvimento.

Do lado de Matosinhos, as duas intervenções possibilitam a coesão social e territorial, atendendo às necessidades da população dos bairros em redor e das características físicas da cidade. Assim, uma das intervenções, localizada na área da Estação Terminal do Senhor de Matosinhos, traduz-se no novo Centro Cívico e a estação do Senhor de Matosinhos, ao rematar a frente do Bairro dos Pescadores com o Porto de Leixões e propor um novo espaço público capaz de receber vários tipos de programa. O segundo corresponde ao novo Parque Desportivo e Centro de Fisioterapia do Vale do Leça, focado na revalorização do vale e na unificação entre a cidade e os bairros residências da sua periferia;

Já do lado de Leça da Palmeira, as propostas são pensadas com o intuito de preparar a cidade para o futuro - visto que há a intenção por parte da Câmara Municipal em converter a Refinaria num novo polo tecnológico e universitário da Universidade do Porto (CMM, 2022), estando ainda em aberto os vários usos a ser designados para este espaço. Assim, uma das intervenções é um novo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR) da Zona da Boa Nova, revalorizando os acessos à Casa de Chá da Boa Nova e ajudando na articulação da cidade consolidada com o que virá a ser a nova cidade; e ainda o Centro Multidisciplinar da ETAR de Matosinhos, que se assume como uma nova centralidade na proposta para o desenho da extensão do percurso marginal de Leça da Palmeira para norte tendo em conta a necessidade de preparar a frente marítima que acompanha a Refinaria atualmente, para a sua nova realidade.

Figuras 33, 34, 35, 36 – Zonas de intervenção individual. Respetivamente do Centro Cívico e estação do Senhor de Matosinhos; Parque Desportivo do Vale do Leça; CIIMAR da zona da Boa Nova e Centro Multidisciplinar da ETAR de Matosinhos. Fonte: Brito, 2022; Vicente, 2022.



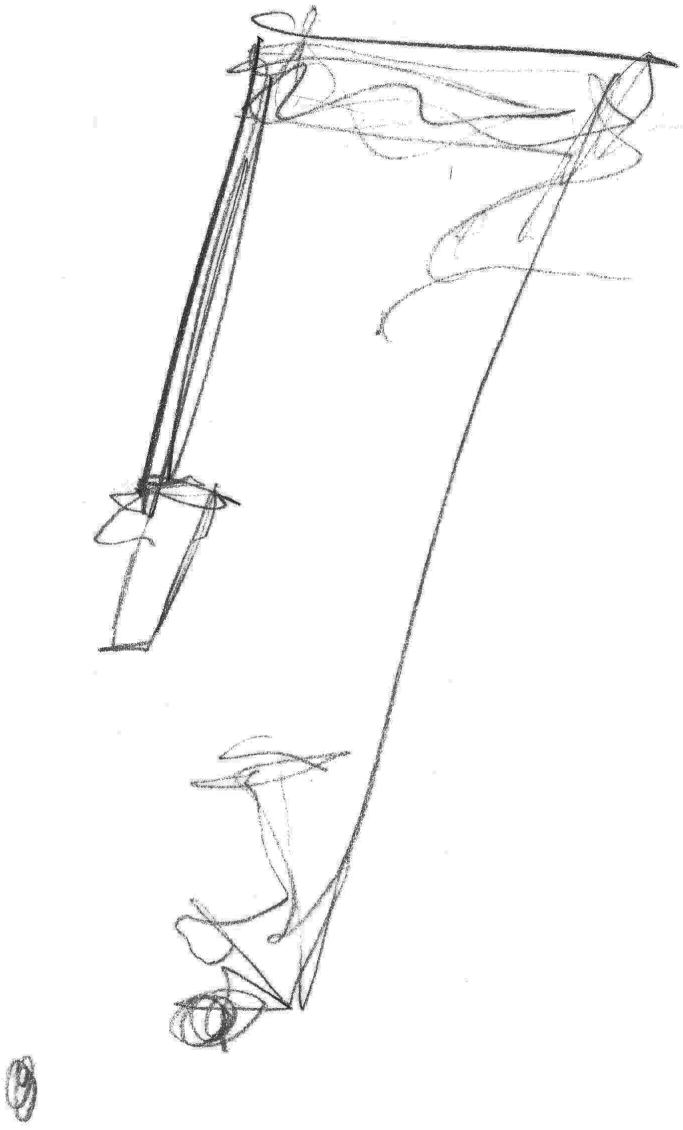



galpenergia



IV.

Matosinhos: O caso do novo CIIMAR de Matosinhos na zona da Boa Nova



Introdução

Na estratégia geral de grupo à escala da cidade foram analisadas as grandes áreas industriais de Matosinhos - o Porto de Leixões e a Refinaria da Galp - bem como as áreas verdes qualificadas na cidade e a mobilidade. Notando-se que se pode considerar como desmesurada a área dedicada à indústria em comparação com a área, muito mais reduzida, do espaço verde publico qualificado, compreendendo-se a necessidade de trabalhar com ela de forma a conter o seu impacto no restante território.

Desta forma, o capítulo IV corresponde, a uma proposta individual para território de Matosinhos, inserida no discurso da estratégia geral de grupo, com incidência no território de Leça da Palmeira na zona da Boa Nova, junto da antiga Refinaria da Galp.

Este projeto procura resolver alguns problemas presentes no território da zona da Boa Nova - como a falta acessos diretos à frente marítima e a espaços verdes -, valorizando o conjunto arquitetónico da Casa de Chá da Boa Nova, do Farol de Leça da Palmeira, da Capela da Boa Nova e do Memorial a António Nobre como um todo, e preparar a transição da expansão de Leça da Palmeira para norte - ocupando os terrenos da Refinaria de Matozinhos agora desativada.

Assim, num primeiro momento, para melhor se compreender estes problemas e potencialidades em intervir neste local específico, parte-se de uma breve contextualização do território da zona da Boa Nova, com principal incidência na análise da sua industrialização por parte da Refinaria, da sua estrutura natural de frente de água com foco no caso do Ribeiro da Boa Nova, e de alguns projetos para este lugar.

De seguida, tenta-se compreender como a resolução destes problemas e potencialidades se podem traduzir na oportunidade em aqui se implantar o novo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR) integrado no futuro Polo Tecnológico de Matosinhos da Universidade do Porto (Leça da Palmeira, 2022) bem como o papel fundamental do eixo de mobilidade do prolongamento da linha do metro de superfície, proposto na estratégia geral, no desenvolvimento sustentável da zona da Boa Nova.

Posto isto, revela-se fundamental um estudo programático do funcionamento do atual CIIMAR de Matosinhos bem como de outros centros de investigação equiparados a nível nacional – como o caso do Laboratório de Ciências do Mar da Universidade de Évora (CIEMAR) em Sines.

O projeto para o novo CIIMAR de Matosinhos na zona da Boa Nova é, assim, implantado junto à entrada principal da Refinaria da Galp, no encontro da Avenida Liberdade com a Rua Belchior Robles voltando-se para o mar.

Figura 37 – Esquiço da zona da Boa Nova com o limite de uma "praça verde" rematada a nascente pelo novo edifício do CIIMAR.



A zona da Boa Nova

A Refinaria da Galp e o conjunto arquitétonico da Boa Nova

Quem visita a zona da Boa Nova, muito provavelmente a primeira sensação que obtém é o impacto visual o complexo industrial da Refinaria da Galp e o seu confronto com a escala do resto deste território, tal como já foi bordado no capítulo II deste trabalho, algo com que quem aqui reside ou trabalha convive diariamente. É, no entanto, pertinente analisá-la um pouco mais aprofundadamente numa tentativa de perceber a sua importância neste território atualmente e ao longo das últimas décadas.

A implantação da então Refinaria da Sacor de Matosinhos nos anos 60, ainda que num aterro na zona da Boa Nova, criado devido às consecutivas ampliações do Porto de Leixões, revelou-se perturbadora do sistema ecológico e descaracterizadora deste lugar e da sua paisagem, que até então era sobretudo caraterizada por terrenos agrícolas e pela Ribeira da Boa Nova.

Esta ribeira, também conhecida por Ribeiro da Amora ou Ribeiro da Adega Amarela, estende-se ao longo de quase 4 Km, desde Monte Avó até desaguar junto da Praia Azul. Desenvolve-se fundamentalmente em zonas urbanas de Leça da Palmeira e em grande parte nos terrenos da refinaria, pelo que foi canalizada em quase toda a sua extensão (CMM, 2022).

A refinaria estabeleceu o limite norte da malha urbana principal de Leça da Palmeira e, de certa forma, conteve o seu crescimento. Reconfigura também a estrada marginal a partir da então Avenida dos Centenários, bem como a Rua Belchior Robles, que liga a marginal ao interior, terminando no encontro com a Avenida Dr. Fernando Aroso e a Rua Óscar da Silva – promovendo assim a urbanização e edificação destas zonas.

Como consequência da revolução de 25 de abril de 1974 e da Constituição de 76 que lhe adveio, em 1977 foram estipulados por lei os sectores de nacionalização irreversível – nesta longa lista que abrangia sectores como a banca e seguros, água, serviços postais e serviços de telecomunicações, entre outros, também se incluía o sector da energia e indústrias de refinação de petróleo e petroquímica. Dando, assim, origem à reestruturação e fusão de todas as quatro empresas nacionais de exploração, refinação e distribuição de produtos petrolíferos, na qual se incluía a Sacor, resultando na Empresa Pública de Petróleos de Portugal - EP-Petrogal (Castaño, 2017).

Ao longo da década de 80, a indústria prosperou a nível nacional com a estabilização política e a Refinaria da Petrogal de Matosinhos foi alvo de vários investimentos (Castaño, 2017).

Apesar de a partir de 1988 ter sido publicada uma alteração à lei que passou a permitir a transformação de empresas públicas em sociedades anónimas de capitais públicos ou de maioria de capitais públicos (desde que ficasse salvaguardado a maioria absoluta do capital social pertencente ao Estado), em 1993 a maior parte das empresas industriais e de comunicações nacionalizadas ainda se encontravam na posse do Estado Português. Mas, com entrada de Portugal na CEE, em 85, o panorama político internacional português alterou-se e era importante reduzir a dívida pública em prol da "convergência nominal com as restantes economias da CEE".

Figura 38 – Vista área da zona da boa nova e da Refinaria da Galp Fonte: Galp, 2021

Assim, a Petrogal passou a ser uma sociedade anónima com capital social que pertencia, na sua totalidade, ao Estado, possibilitando que, em 1992, entrassem privados no capital da Petrogal. (Castaño, 2017)

Dá-se início ao longo processo de privatização da empresa e, só quando finalmente se acordou o valor da indemnização, em 1998, é que a Petrogal pôde estabilizar a sua gestão e concluir a sua reprivatização, passando de Petrogal para Galp Energia. (Castaño, 2017)

Assim, pode-se afirmar que ao longo dos tempos, os habitantes desta zona foram aprendendo a conviver com a Refinaria da Galp, habituando-se à sua presença forte e transformadora das relações visuais e ecologias na sua periferia.

No entanto, o seu impacto ambiental foi pesando cada vez mais em detrimento do seu impacto socioeconómico. Se acontecimentos algo periódicos, como o derrame de crude dos petroleiros - resultando na contaminação das águas e das praias desta zona - ou como os derrames provocados pelo velho oleoduto que ligava o terminal de petroleiros do Porto de Leixões à Refinaria - resultando na contaminação os solos envolventes, levando à sua substituição integral no início do milénio - foram sendo superados, o fecho da refinaria foi-se revelando cada vez mais inevitável devido ao plano de descarbonização do país e da europa – processo esse que se iniciou nos últimos anos e, em parte, acelerado pela quebra do consumo de combustível consequente da pandemia de COVID-19 em 2020.

Pode-se considerar que o território da zona da Boa Nova é principalmente caracterizado pela presença da Refinaria da Galp, mas seria redutor afirmar que é apenas isso que o representa. Aqui encontra-se a Praia da Nossa Senhora da Boa Nova e a Praia Azul, também conhecida por Praia da Conchinha, que ladeiam os rochedos onde se inserem a Casa de Chá da Boa Nova e a Capela da Boa Nova.

A Capela da Boa Nova, também conhecida por Capela de S. Clemente das Penhas, remonta aos finais do século XIV aquando da instalação de frades franciscanos nesta zona, fundando o Oratório de São Clemente das Penhas. Um pequeno convento, do qual apenas resta atualmente a nave principal e um moinho de vento, que veio mais tarde a dar origem ao Convento da Conceição de Leça (atualmente Quinta da Conceição) (CMM, 2022).

Junto da capela existe uma plataforma em pedra consequente do pequeno Farol de Leça da Palmeira que ali existiu entre 1916 e 1926, tendo sido substituído pelo Farol de Leça da Palmeira o que levou à sua demolição.

O Farol de Leça da Palmeira encontra-se a umas dezenas de metros, junto ao fim da Marginal de Leça da Palmeira. Construído em 1926, destaca-se no território devido à sua torre de 46 metros de altura por 3.5 metros de diâmetro. Sendo visível a uma grande distancia, parece quase rivalizar com as chaminés da refinaria nesta paisagem (CMM, 2022).

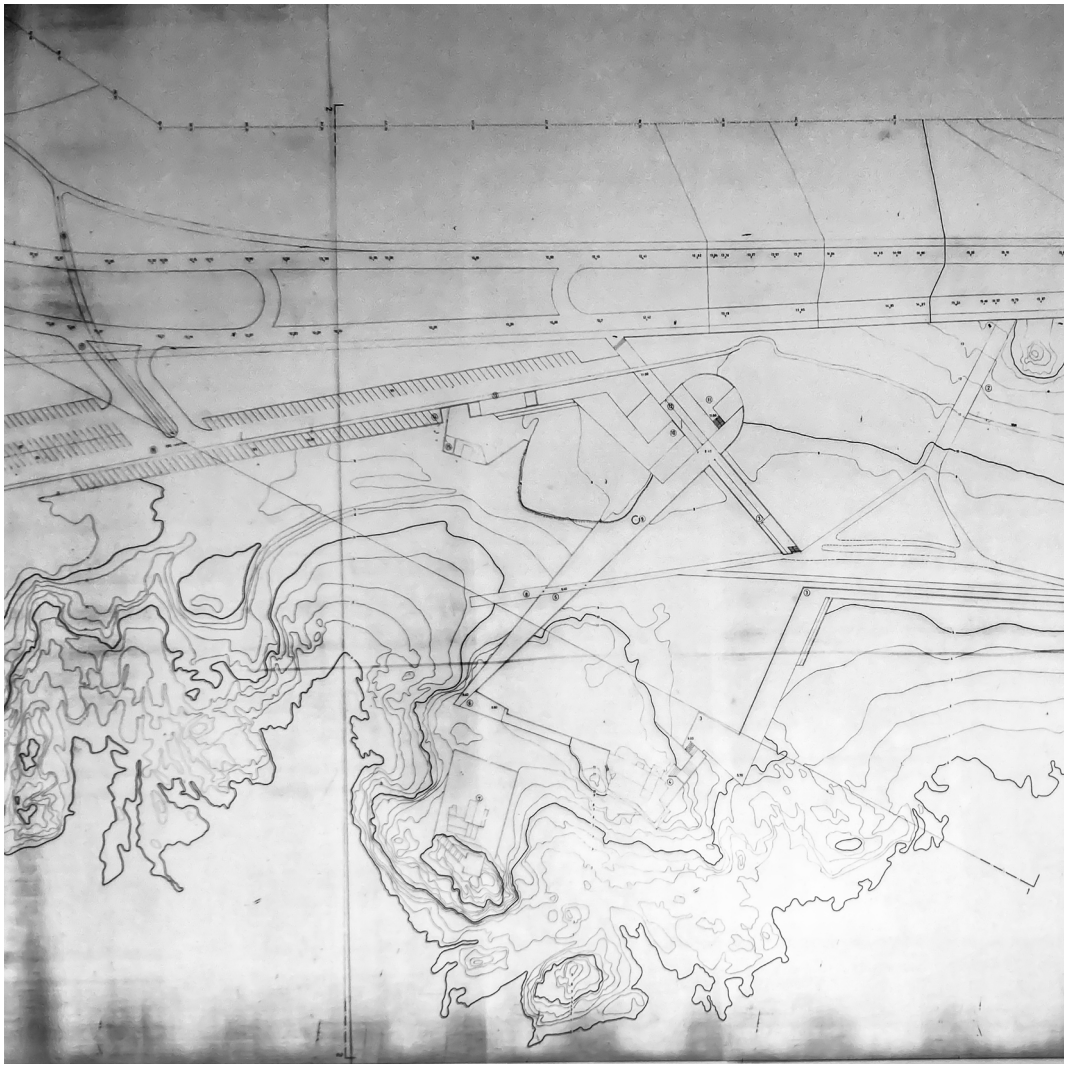
Por contraste, nas proximidades do farol, quase passa despercebido o Memorial a António Nobre, projetado por Álvaro Siza em 1980 (Salgado, 2005). O arquiteto escolhe especificamente esta localização devido às ligações do poeta António Nobre com a zona da Boa Nova e às suas qualidades paisagísticas, mas sobretudo "para promover o ordenamento daquela zona (Vieira, 1998). O monumento a António Nobre consiste num arranjo topográfico que enquadra três

estatuas de bronze, granito e cimento da autoria de Salvador Barata Feyo, permitindo o acesso pedonal entre a Marginal de Leça da Palmeira e a Avenida Liberdade (CMM, 2022).

Ora, é precisamente nesta zona que surge um projeto também da autoria de Álvaro Siza nos anos 70 já abordado no capítulo II deste trabalho (figura 28 e 29), mas que vale a pena recuperar. Note-se então os edifícios até aqui mencionados – a Casa de Chá da Boa Nova, a Capela da Boa Nova e o moinho, o Farol de Leça da Palmeira e o Memorial a António Nobre -, pode-se interpretá-los como parte de um todo, um conjunto arquitetónico que parece criar várias relações em si, sobretudo devido à proximidade destes edifícios. No entanto, estes elementos parecem algo dispersos no território. Talvez Álvaro Siza tente resolver isto mesmo quando faz o arranjo do Memorial e de certa forma cose várias camadas do território e consequentemente da história da Boa Nova.

Recupere-se, então, o projeto do remate da Marginal de Leça da Palmeira na zona da Boa Nova, projetado aquando do Memorial. Talvez se possa agora interpretá-lo segundo a mesma premissa, uma tentativa de controlar este território e o conjunto de edifícios que nele se encontram.

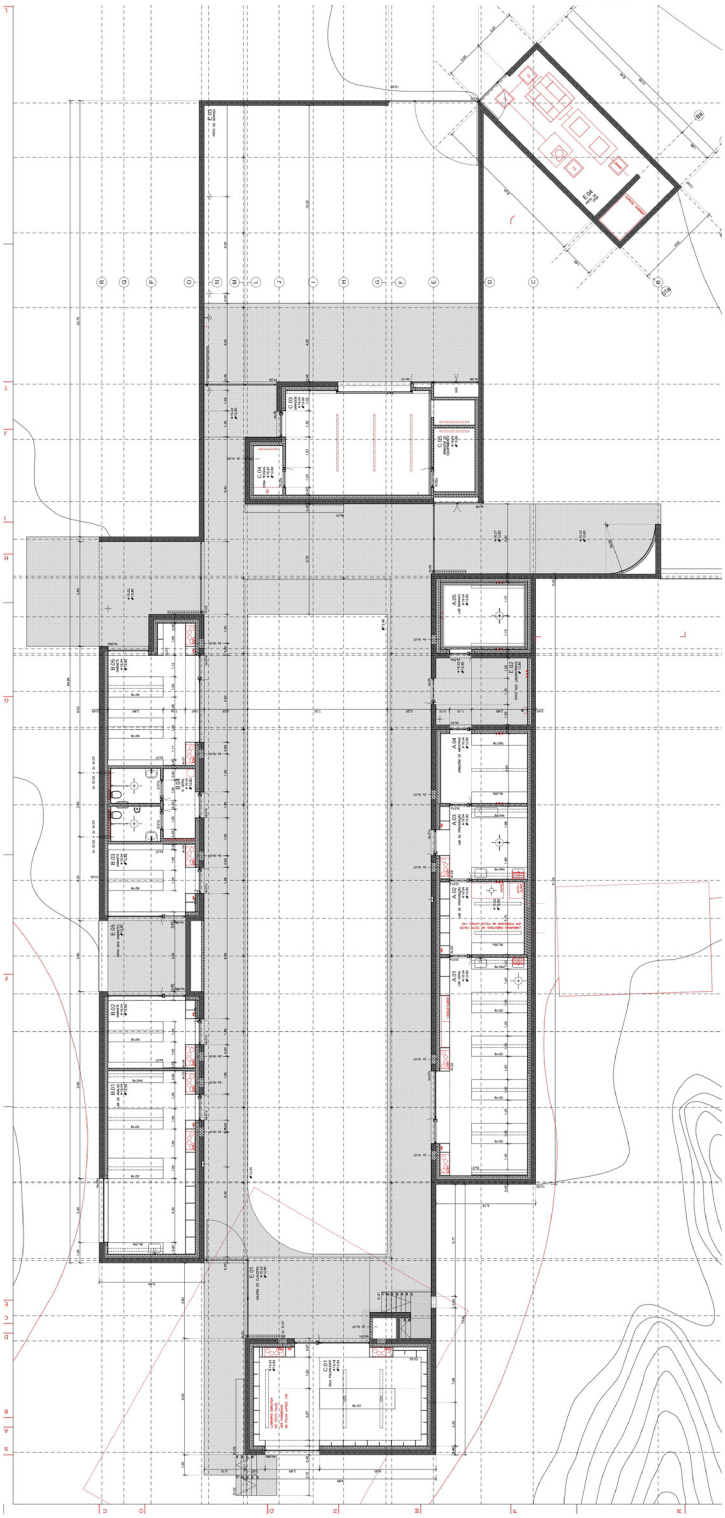
Note-se então o esquiço de trabalho deste projeto de Álvaro Siza na figura 39. Pode-se verificar que já existia o projeto para o arranjo do Memorial, e, em complemento aquele se pode considerar um novo remate da Marginal de Leça, junto da Casa de Chá. Este projeto, demostrava uma intenção de, num só gesto, criar uma nova alameda pedonal entre a frente marítima e a então Avenida dos Centenários, resolvendo o acesso não só à Marginal de Leça da Palmeira, como à Casa de Chá, à Capela da Boa Nova e à Praia Azul. Desta forma, talvez se possa afirmar que a intervenção do arranjo ao Memorial tenha sido pensada tendo em conta este projeto que nunca acabou por ser contruído.



O novo CIIMAR de Matosinhos
Enquadramento

Com a desativação da Refinaria, enquadrado na transição energética e nos objetivos de descarbonização do país e da europa, foi criado um protocolo de cooperação institucional entre a Câmara Municipal de Matosinhos, a Galp e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N) para o desenvolvimento dos seus 200 hectares.
Este protocolo é visto como o aproveitamento de uma oportunidade trazida pelas transições em curso para modernização socioeconómica desta região. Pelo que foi criado um gabinete encarregue do desenho e planeamento de uma estratégia geral para a requalificação urbanística deste território que irá definir os diferentes usos destinados a cada área (CMM, 2022).
Posto isto, há já algumas propostas abordadas. Uma delas é a criação de um "Innovation District", fundamentado no objetivo em alcançar um ecossistema urbano, social e ambientalmente sustentável, traduzindo-se na criação de vários serviços e atividades económicas, bem como em habitação, equipamentos culturais e de lazer e espaços verdes qualificados (CMM, 2022).
Uma outra proposta é a da Galp vir a implantar um "Polo de Inovação e de Investigação e Desenvolvimento", fundamentado no objetivo da transição energética e digital, que desenvolva estratégias e soluções neutras em carbono, "assentes em novas tecnologias, sistemas e redes inteligentes e altamente conectados" (CMM, 2022).
Assim, visando a uma "transição energética, da inovação e da descarbonização da economia, rumo a um futuro mais sustentável" (CMM, 2022), o protocolo prevê também a criação de um novo polo universitário em parceria com a Universidade do Porto (Centro de Ciências e Tecnologias da Universidade do Porto). A intenção é que integre as instalações do novo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR), que atualmente se encontra no edifício do Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões e que "já não tem condições para continuar onde está" como afirma a Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos (Leça da Palmeira, 2022).
Desta forma, com a integração dos terrenos da refinaria na malha da cidade, denota-se a importância de planear o futuro e necessidade em preparar a transição da sua expansão e de criar novas ligações na malha urbana já qualificada.
Assim, a requalificação de uma primeira parcela deste território da antiga refinaria através da implementação do novo CIIMAR de Matosinhos naquele que poderá vir a ser o novo Polo de Ciências e Tecnologias Universidade do Porto, pode ajudar na transição entre a cidade consolidada e a "nova cidade".
É neste contexto que surge a oportunidade de recuperar a ideia de remate do fim da Marginal de Leça da Palmeira (figura 38) de forma a ajudar a revalorizar o conjunto arquitetónico Casa de Chá da Boa Nova, do Farol de Leça da Palmeira, da Capela da Boa Nova e do Memorial a António Nobre, através da criação de numa ligação pedonal ao novo CIIMAR e ao interior do tecido urbano da "nova cidade".

Figura 39 – Projeto para a zona da Boa Nova, de 1974. Fonte: Siza, 1974, CCA.



É então necessário perceber programaticamente o funcionamento do atual CIIMAR de Matosinhos. Este encontra-se instalado no Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões, e foi projetado arquiteto Luís Pedro Silva, em 2015. É destinado a cerca de 200 investigares e localiza-se sobretudo no segundo piso deste edifício onde se encontram vários laboratórios e gabinetes, estando organizados em 4 grandes áreas de estudo que se subdividem nas seguintes doze especialidades:

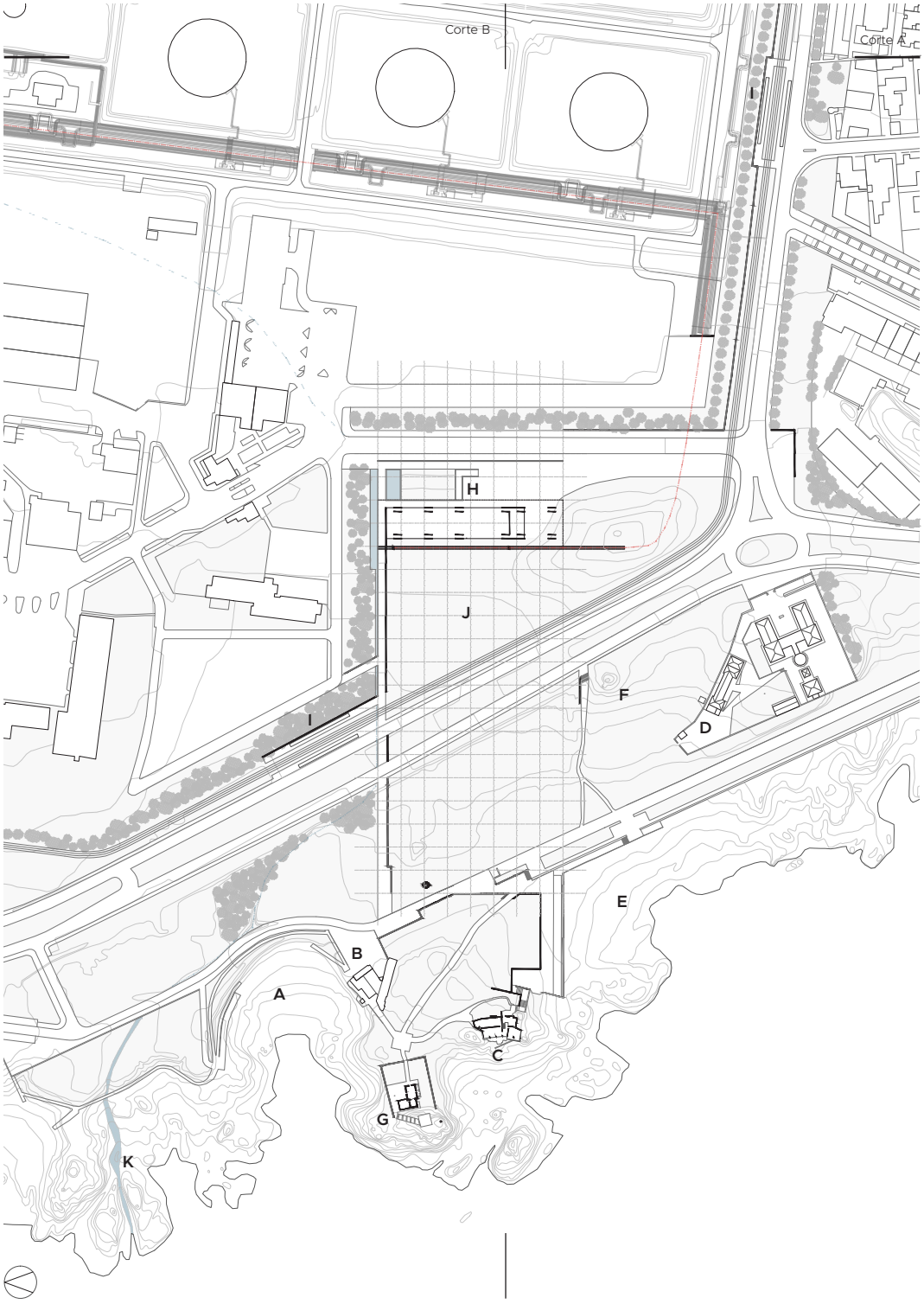
- Vida em Risco da Genética ao Ecossistema: Toxicologia ambiental; Estudos colularos molocularado o analíticos; Química; Toxicologia; Ecolociologia;
- Exploração sustentável: Nutrição; Imunobiologia
-Biodiversidade: Ecofisiologia; Ecologia; Biodiversidade costeira
- Planeta Mar: Oceanografia; Robótica

Conta ainda com uma zona de exposições no último piso do edifício que os visitantes do Terminal podem visitar, para além de poderem observar os laboratórios em funcionamento graças às suas paredes de envidraçadas (Silva, 2015).

Para melhor se perceber o funcionamento do centro de investigação deste tipo, note-se o caso do Laboratório de Ciências do Mar da Universidade de Évora (CIEMAR) em Sines, projetado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro em 2011. O projeto para este edifício (figura 40) desenvolve-se integralmente num só piso e organiza-se em redor de uma "galeria portificada". Nele, está previsto um laboratório geral, contiguo a dois laboratórios de preparação, que por sua vez são contíguos a um espaço de apoio que consiste numa zona de armazenamento de amostras (Gameiro, 2022).

Percebe-se, assim que no projeto de um novo centro de investigação se deve ter em conta este procedimento operacional de forma a melhor satisfazer os requisitos deste tipo específico de programa.

Figura 40 – Planta do projeto previsto para o laboratório de Ciências do Mar da Universidade de Évora (CIEMAR) em Sines. Fonte: Gameiro, 2022


Corte B
Corte A
H
J
I
F
D
E
B
A
C
G
K

O novo CIIMAR de Matosinhos
O CIIMAR na zona da Boa Nova

Ao se analisar a implantação dos elementos arquitetónicos da zona da boa nova nota-se uma estratégia comum: o recurso a "acidentes" no território. A casa de chá, como já se viu, é implantada e incorporada entre rochedos e uma duna (ainda que artificial); a Capela da Boa Nova refugia-se da severidade do mar implantando-se atrás de um conjunto de rochedos; o Farol de Leça da Palmeira cria a sua própria duna para se implantar; o Memorial a António Nobre também é implantado num pequeno relevo neste território. (visível na figura 42)
É como se, de certa forma, estes elementos acentuassem as características já existentes no território, servindo-se delas sem as desvirtuar. Parece, assim, lógico recorrer-se a esta premissa para a implantação do novo CIIMAR de Matosinhos neste território, pelo que se propõe, então, que o CIIMAR seja implantado junto da entrada principal da refinaria adossando-se a uma grande "duna" verde que se destaca neste território (figura 43).
Ao se recuperar a ideia de remate do fim da Marginal de Leça da Palmeira, presente nos desenhos de Álvaro Siza dos anos 70, cria-se um acesso ao novo CIIMAR e ao interior do tecido urbano da futura cidade. Este, num só gesto marca no território um novo limite daquela que se pode considerar uma "praça verde" (esquiço da figura 37), pontuando a zona da Boa Nova e enquadra o seu conjunto arquitetónico.
A "praça verde" é assim delimitada a norte pelo novo acesso pedonal ao CIIMAR; a sul pelo arranjo do Monumento a António Nobre, que permite a ligação pedonal entre a Marginal e a Avenida Liberdade; a poente pelos muros de contenção da duna da Casa de Chá da Boa Nova; e, por fim, a nascente pelo próprio CIIMAR adossado à duna. Esta tenta preservar um enquadramento verde natural, através de vegetação rasteira autóctone junto do conjunto arquitetónico da Boa Nova, mesmo com o futuro crescimento da cidade.
O novo acesso, que parte da marca deixada por um anterior parque de estacionamento, implanta-se segundo uma métrica de 15 metros por 15 metros obtida através da análise dos elementos que já organizam esta zona atualmente, dando o mote para a organização do resto do projeto. Este, sendo murado de um dos lados, à semelhança dos restantes limites da "praça verde", materializa-se com o revestimento do pavimento numa betuminosa em tons de areia, à semelhança da Marginal de Leça e do Memorial a António Nobre. O percurso segue até transpor a Avenida Liberdade e encontrar a nova extensão da linha do metro de superfície, previsto na estratégia geral.

Figura 41 – Planta de localização, a azul encontra-se a linha de água do Ribeiro da Boa Nova e a vermelho a infraest. **A.** Praia Azul **B.** Restaurante Bar Azul **C.** Casa de Chá da Boa Nova **D.** Farol de Leça da Palmeira **E.** Praia da Senhora da Boa Nova **F.** Monumento a António Nobre **G.** Capela de Nossa Senhora da Boa Nova **H.** CIIMAR - Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental **I.** Estações de Metro de superficie **J.** Praça Verde **K.** Ribeiro da Boa Nova



Figura 42 – Fotografia do Memorial a António Nobre, da Casa de Chá da Boa Nova, da Capela da Boa Nova, sendo também visivel a "praça verde". Fonte: Vicente, 2022.



Figura 43 – Fotografia da "duna verde" à qual o plano de betão do CIIMAR se adossa. Fonte: Vicente, 2022.

É aqui que se encontra uma das novas estações de metro, pensada sobretudo para permitir a chegada de mais pessoas à frende de água e aos monumentos que se encontram nessa zona, e ainda o acesso a um novo estacionamento destinado a servir toda esta zona. A partir deste ponto, o percurso passa a ser revestido com pedra calcária até ao CIIMAR e é neste troço do percurso que passa a ser visível novamente a Ribeira da Boa Nova, canalizada aquando da construção da Refinara, sendo acompanhada por uma frende de árvores que se prolonga para o interior da malha urbana.

Há ainda uma outra estação de metro a nascente, no Rua Belchior Robles, já mais no interior da malha urbana, pensada sobretudo para servir o CIIMAR e futuramente o resto do Polo de Ciências e Tecnologias da Universidade do Porto. Desta forma, quem chega ao edifício vindo deste lado da cidade, quase que não sente a sua presença até se encontrar praticamente na praça de entrada junto da duna. O revestimento do pavimento desta praça é também numa betuminosa em tons de areia.

De forma a assinalar o limite nascente da "praça verde", é criado um plano de betão longitudinal que se encaixa na duna. Este, juntamente com a fileira de árvores da ribeira, protege o edifico do CIIMAR das condições climatéricas adversas que muitas vezes se fazem sentir na zona da Boa Nova provenientes do mar, pelo que todo o seu programa se desenvolve agregado a este plano.

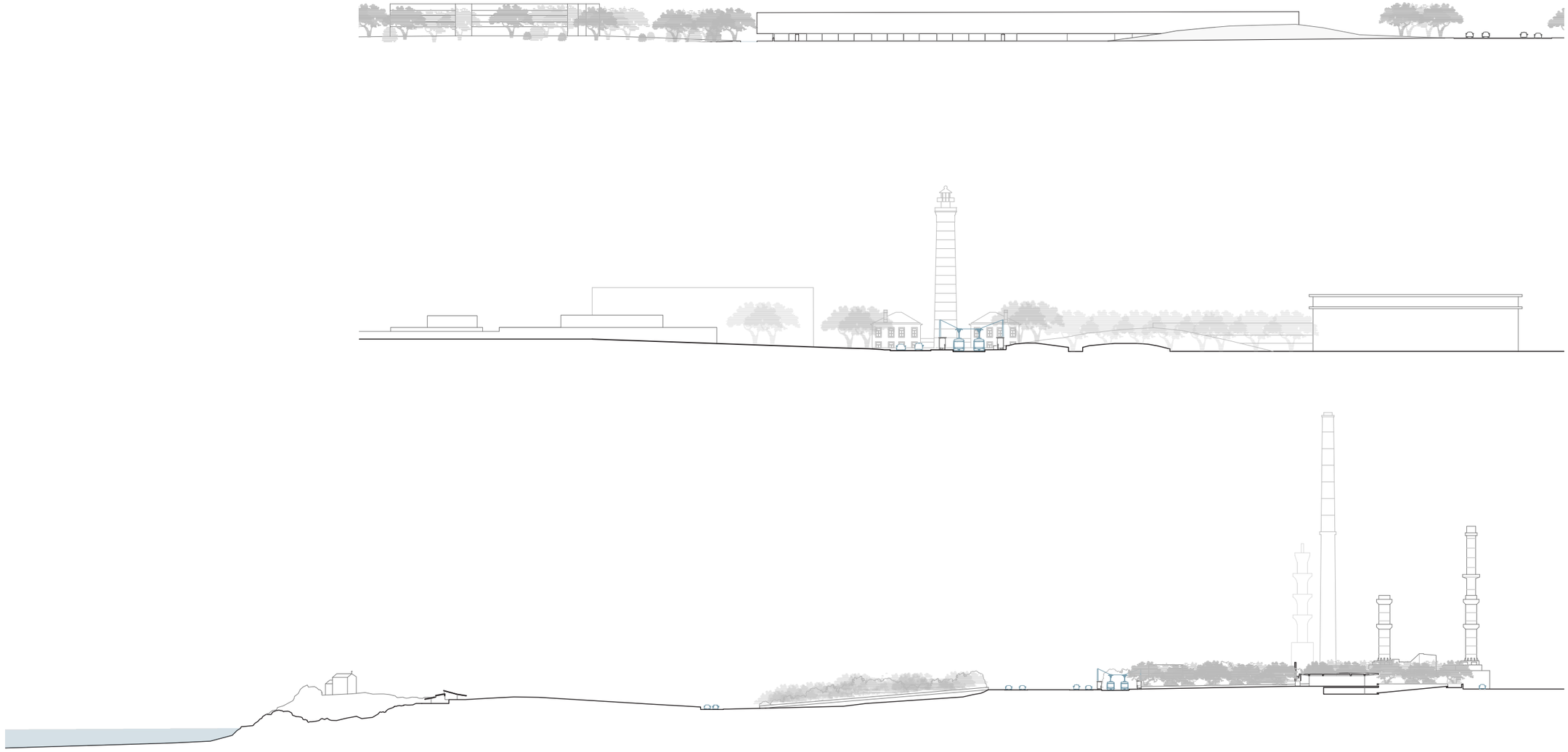
A implantação desde edifico está também assente na premissa de que a marca que a organização da refinaria deixa na cidade pode ser o ponto de partida para o desenho da organização da nova cidade. Com isso em mente, assume-se que a complexa rede de infraestrutura que abastecia a refinaria, pode agora tornar-se na rede base da infraestrutura da cidade. Assim, existe a possibilidade de ligar o CIIMAR a essa rede através do plano longitudinal que se insere na duna – tornando-o numa espécie de tecnoduto.

Este plano é estruturalmente inspirado no edifício da Escola Parque do Conhecimento, projetado por Paulo Mendes da Rocha em 2003 em colaboração com o MMBB Arquitetos (MMBB, 2022). Neste edifico, os planos de betão das fachadas contam apenas com a apoios de 60 em 60 metros.

Figura 44 – Alçado Nascente (cima) - vista a partir da "praça verde".

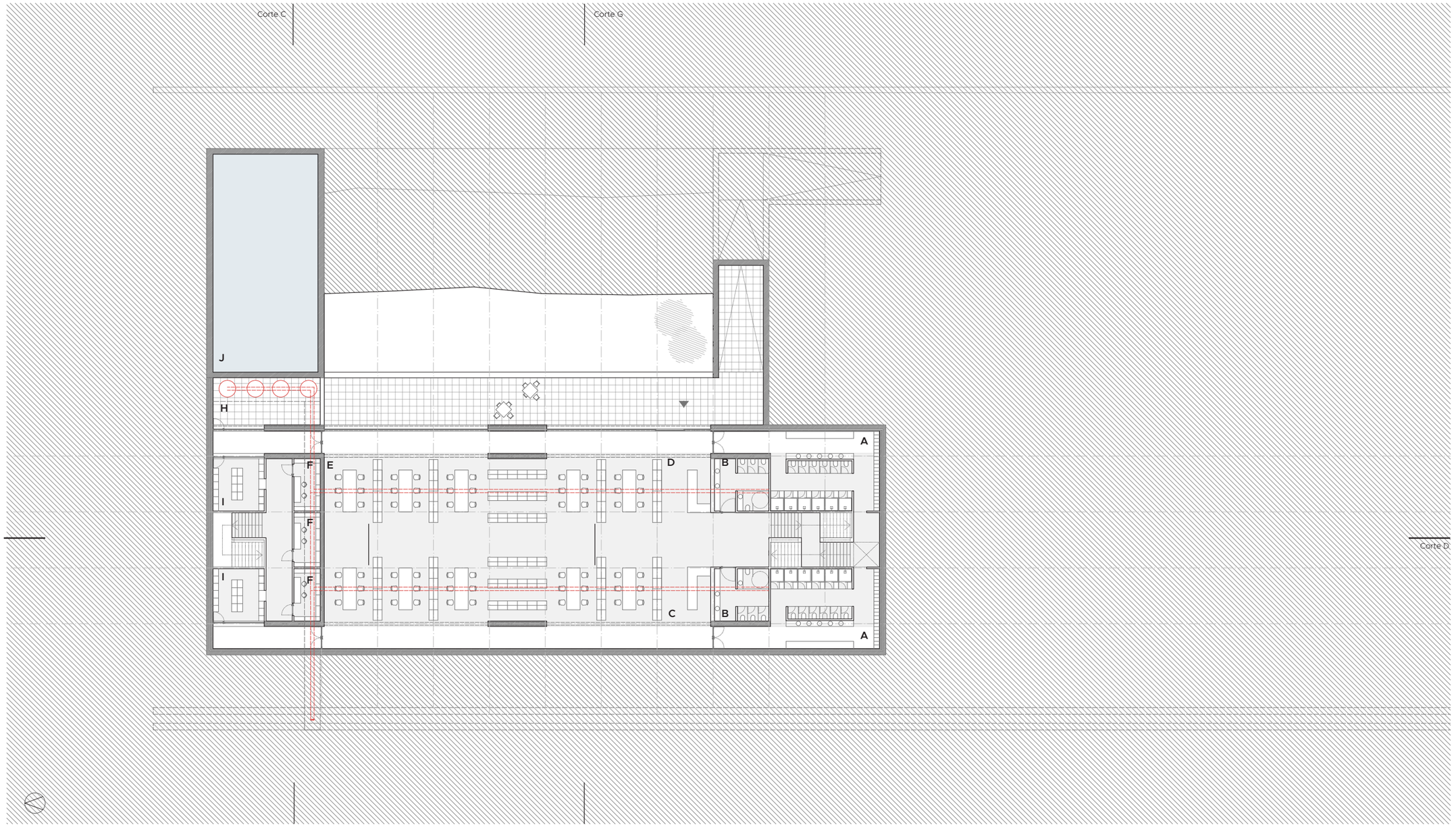
Corte A (centro) - Corte perpendicular à Rua Belchior Robles onde é visível uma das estações de metro de superfície (azul).

Corte B (baixo) - Corte pela "praça verde", representativo da relação entre a Casa de Chá da Boa Nova, a Capela da Boa Nova, a Refinaria e ainda o plano de betão do CIIMAR. É visível uma das estações de metro de superfície (azul).



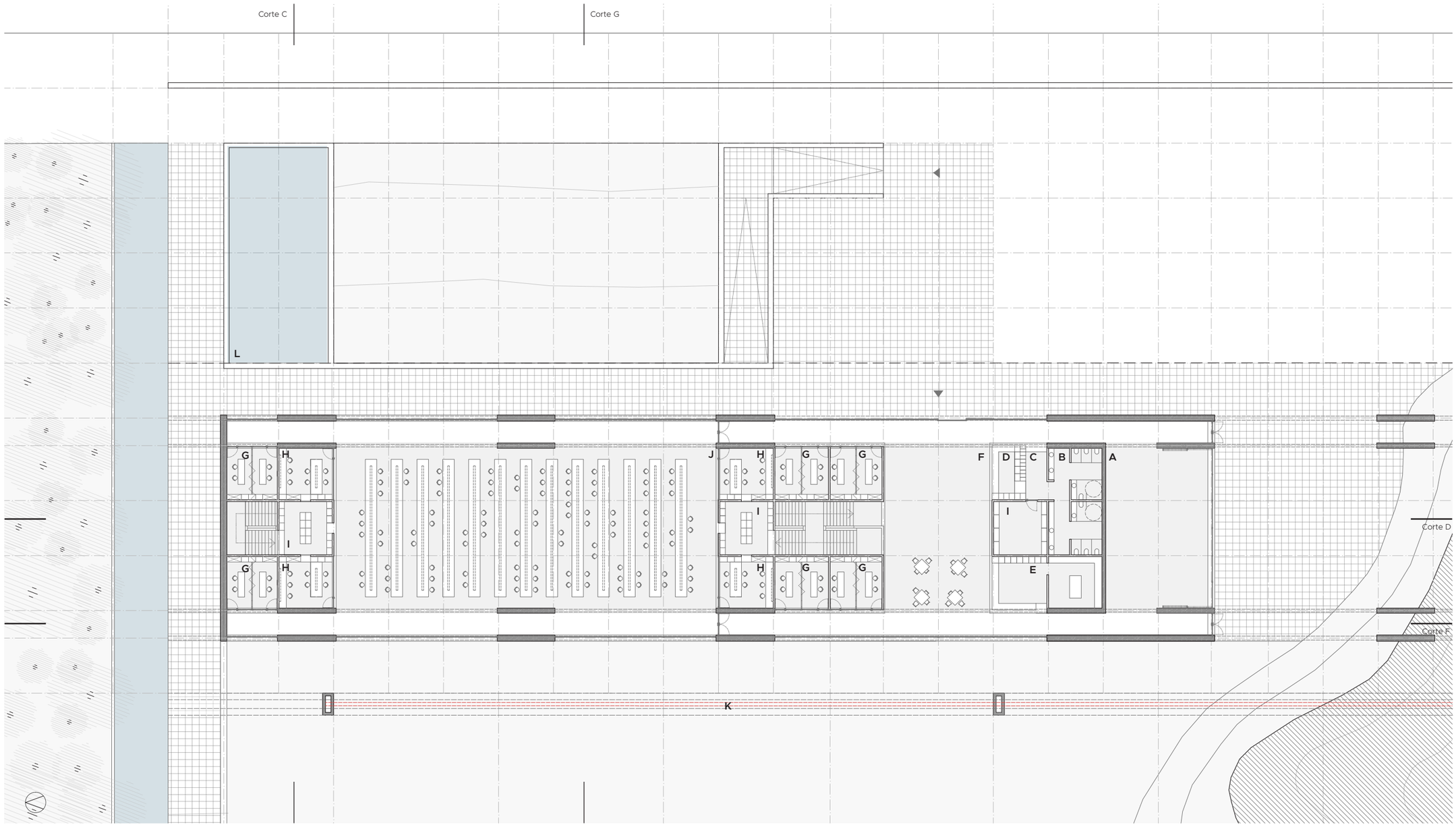
Posto isto, o plano que integra o tecnoduto do CIIMAR é materializado em betão branco e apoia-se em dois grandes pilares retangulares que permitem, através do seu interior, a ligação ao meio piso técnico que se encontra dentro do teto falso do piso -1.
O plano do tecnoduto, juntamente com a métrica usada para organizar o território – que agora se subdivide passando para 5 por 5 metros – marcam a cadência da esturra do edifício do CIIMAR. A estrutura consiste, então, em quatro grandes vigas longilíneas de betão que vão de ponta-a-ponta do edifício e que assentam em laminas de betão de 5 metros de comprimento, definindo assim o espaço de circulação. As contra vigas, que se apoiam as vigas principais, encontram-se espaçadas a eixo por 5 metros, criando um ritmo que se sente ao longo de todo o edifício, sendo aligeiradas nas suas extremidades. Por fim, a laje de betão assenta nas vigas e contra vigas e é revestida a zinco, com uma inclinação dada por uma camada de forma que permite o escoamento da água da chuva para uma caleia que se encontra integrada na parte de superior do tecnoduto, que por sua vez escoa a água para o espelho de água junto à sua extremidade, que se encontra ao nível do chão, permitindo que a mesma seja armazenada e posteriormente usada. A laje dos pisos é também em betão com um revestimento de cimento autonivelante.
Vistos do exterior, todos estes elementos estruturais são de betão à vista, pelo que o isolamento das vigas das fachadas nascente e poente se encontra do lado interior, sendo revestido por um sistema de pladur. Já as lâminas estruturais são constituídas por 2 panos de betão, um interior e outro exterior, incorporando assim o isolamento no seu interior.
Os vãos contam com moldura em aço zincado que lhes confere alguma profundidade, na qual se insere as janelas com caixilharia no mesmo material. Este material também se encontra no remate com o chão dos módulos dos laboratórios, gabinetes, receção e bar.
O edifício organiza-se em 2 pisos, um à cota da superfície e outro subterrâneo.

Figura 45 – Planta Piso -1, a vermelho encontra-se a rede de infraestrutura. **A.** Balneário Investigadores **B.** Instalações sanitárias **C.** Cacifos **D**. Receção **E.** Biblioteca científica **F.**Camara frigorifica **G**. Tecnoduto **H**. Área técnica para depósitos **I.** Zona de Armazém **J.** Reservatório de água


Corte C
Corte G
J
H
F
E
D
B
A
I
F
I
F
C
B
A
Corte D

No piso principal, a entra é feita pelo lado nascente, através de um acesso que dá para um átrio de distribuição que divide o espaço público do espaço privado.
O programa do espaço publico deste piso consiste no átrio de distribuição que integra uma zona de receção a nascente, e uma zona de bar a poente. A partir do corredor nascente faz-se o acesso a uma zona de cacifos, às instalações sanitárias e uma pequena área de arrumos. Por fim, acessível tanto pelo corredor nascente como pelo corredor poente, encontra-se o espaço polivalente, onde se podem realizar exposições, aulas ou palestras com o enquadramento da duna como pano de fundo, havendo a possibilidade da duplicação do seu espaço com a abertura total das janelas para o espaço exterior coberto – há ainda a possibilidade da transformação deste espaço em refeitório ou restaurante se for necessário, aproveitando a sua proximidade da cozinha e do bar.
Já o programa do espaço privado deste piso tem em conta o procedimento operacional necessário ao funcionamento do centro de investigação. Existem oito gabinetes privados, quatro acessíveis pelo corredor nascente e outros quatro pelo corredor poente, havendo a possibilidade de se converter em quatro gabinetes de maiores dimensões com a abertura das paredes divisórias. É a partir destes corredores laterais que se faz a entrada no grande laboratório geral.
O laboratório geral, inspirado no laboratório da Fundação Champalimaud em Belém, reúne toda a equipa de investigadores das doze especialidades num só espaço, ao contrário daquilo que acontece atualmente no CIIMAR de Matosinhos que se encontra no Terminal de Cruzeiros, promovendo a partilha de conhecimento entre investigadores. Os seus grandes vãos, que permitem os visitantes do CIIMAR observar o laboratório em funcionamento, acentuam a sensação de permeabilidade do edifício e permitem que os investigadores tenham vistas desimpedidas para a praça verde e, consequentemente, para o conjuro arquitetónico da zona da Boa Nova.

Figura 46 – Planta Piso Principal, a vermelho encontra-se a rede de infraestrutura. **A.** Espaço Polivalente **B.** Instalações sanitárias **C.** Cacifos D. Receção **E.** Bar/ Cozinha **F.** Átrio de entrada **G.** Gabinetes **H.** Laboratório de preparação **I.** Zona de Armazém **J.** Laboratório Geral **K.** Tecnoduto **L.** Espelho de água/ reservatório


Corte C
Corte G
L
G
H
I
J
F
D
C
B
A
E
K
Corte D
Corte F

Nas suas extremidades encontram-se as áreas centrais de armazenamento com acesso direto ao laboratório geral, bem como laboratórios de preparação, que por sua vez tem acesso direto tanto a zonas centrais de armazenamento como ao próprio laboratório geral. Também é aqui que se localizam os acessos verticais ao piso inferior.

Através do acesso vertical central, caracterizado por uma dupla escada com sentidos diferentes, iluminada por luz natural através de uma claraboia na cobertura, permite-se o acesso simultaneamente a partir do átrio de entrada e da área de armazenamento dos laboratórios do piso superior, à biblioteca científica do CIIMAR e aos balneários dos investigadores.

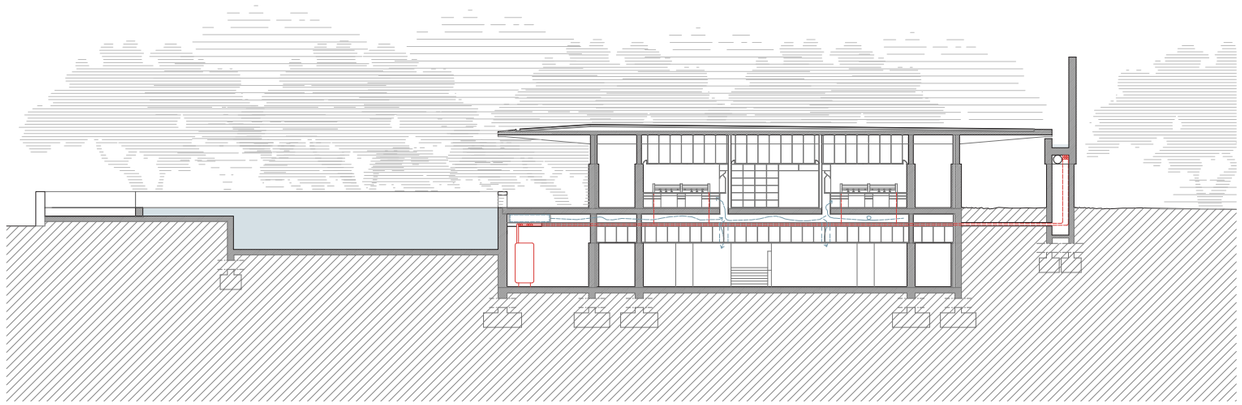
O piso inferior, também é acessível através do exterior por uma rampa que se inicia na praça de entrada e que culmina numa zona coberta exterior que antecede a entrada propriamente dita.

Este pisto conta com uma área pública central, onde encontra uma pequena zona de receção, cacifos e instalações sanitárias que dão apoio à biblioteca científica. A biblioteca é um espaço pensado sobretudo para os estudantes do novo polo de Ciências e Tecnologias da Universidade do Porto. Este espaço é iluminado naturalmente com de luz indireta do lado nascente através de dois grandes vãos que enquadram uma pequena zona ajardinada.

É nas pontas deste piso que se encontram as restantes áreas privadas. A junto da entrada, existem os balneários destinados aos investigadores, acessíveis pelos corredores laterais e pelo acesso vertical central. Na outra extremidade está uma zona de caracter mais técnico, sendo também acessível pelos corredores laterais. Aqui encontram-se câmaras frigorificas e mais espaço de armazenamento – que podem facilmente ser convertidos noutros usos, como em biotério de organismos, por exemplo – que servem os laboratórios do piso superior, acessível pelas escadas que se encontram no centro deste módulo. É nesta área que se localizam os depósitos de armazenamento dos diferentes tipos de gazes utilizados nos laboratórios que chegam através do tecnoduto.

Figura 47 – Corte C (cima) - representa a estrutura e a rede de infraestrutura (a vermelho) e o siestema de ventilação (a azul) necessário aos laboratórios de preparação.

Corte D (baixo) - corte longitudinal ao longo do edifício. Representa a estrutura e a rede de infraestrutura (a vermelho) necessária aos laboratórios.



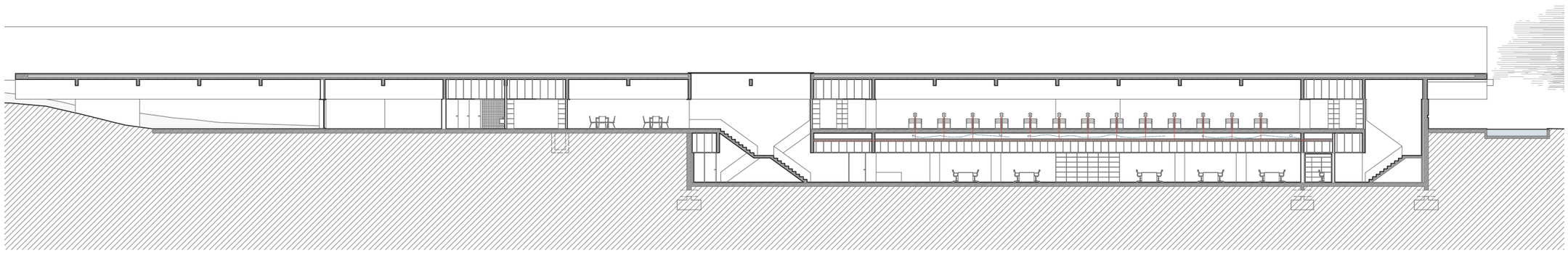
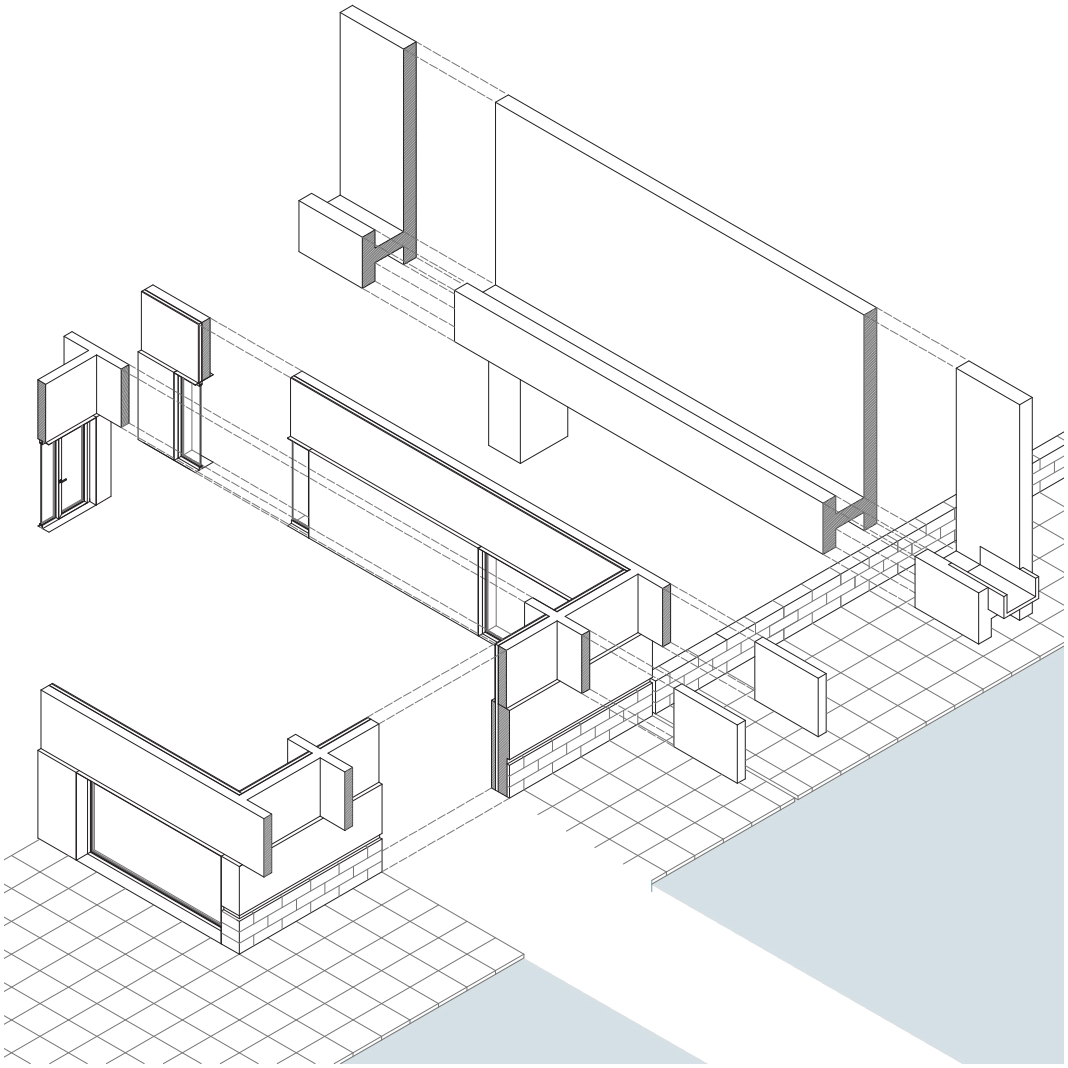
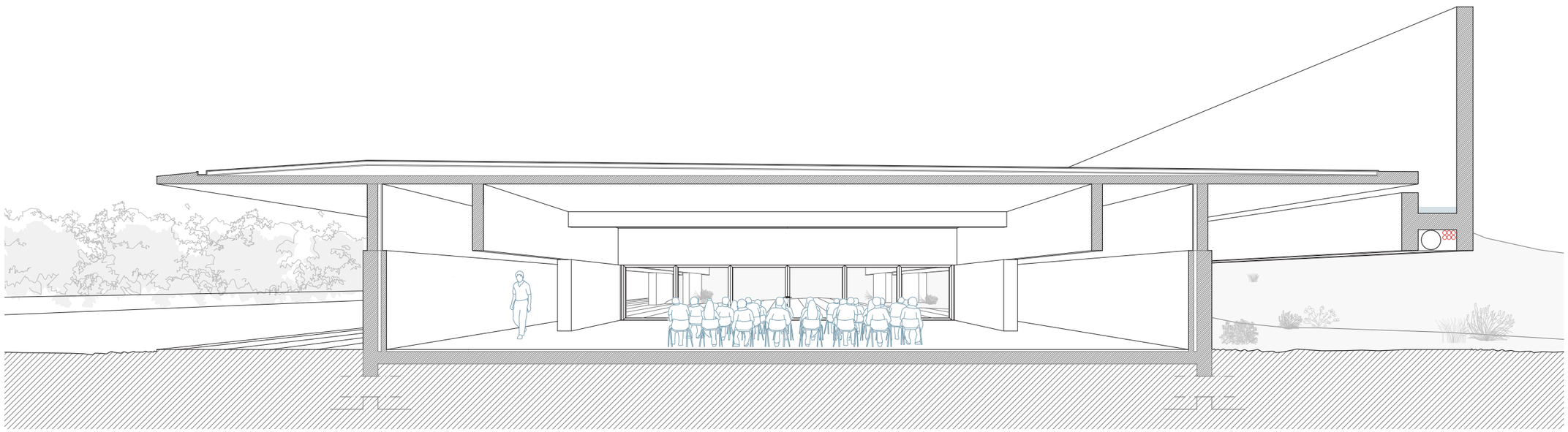


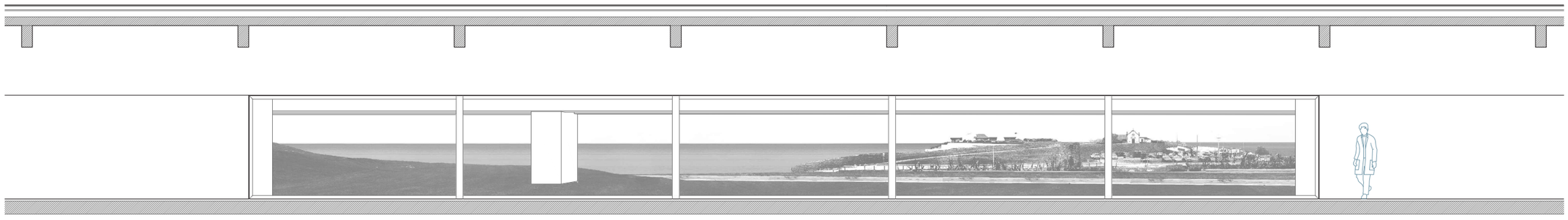
Figura 48 – Axonometria de detalhes construtivos

Figura 49 – Corte Corte perspetivado E (cima) - corte de ambiente representa o Espaço Polivalente em situação de aula.

Corte F (baixo) - Corte representativo da vista a partir da área publica do edifico, enquadrando a "praça verde", a Casa de Chá da Boa Nova e a Capela da Boa Nova.

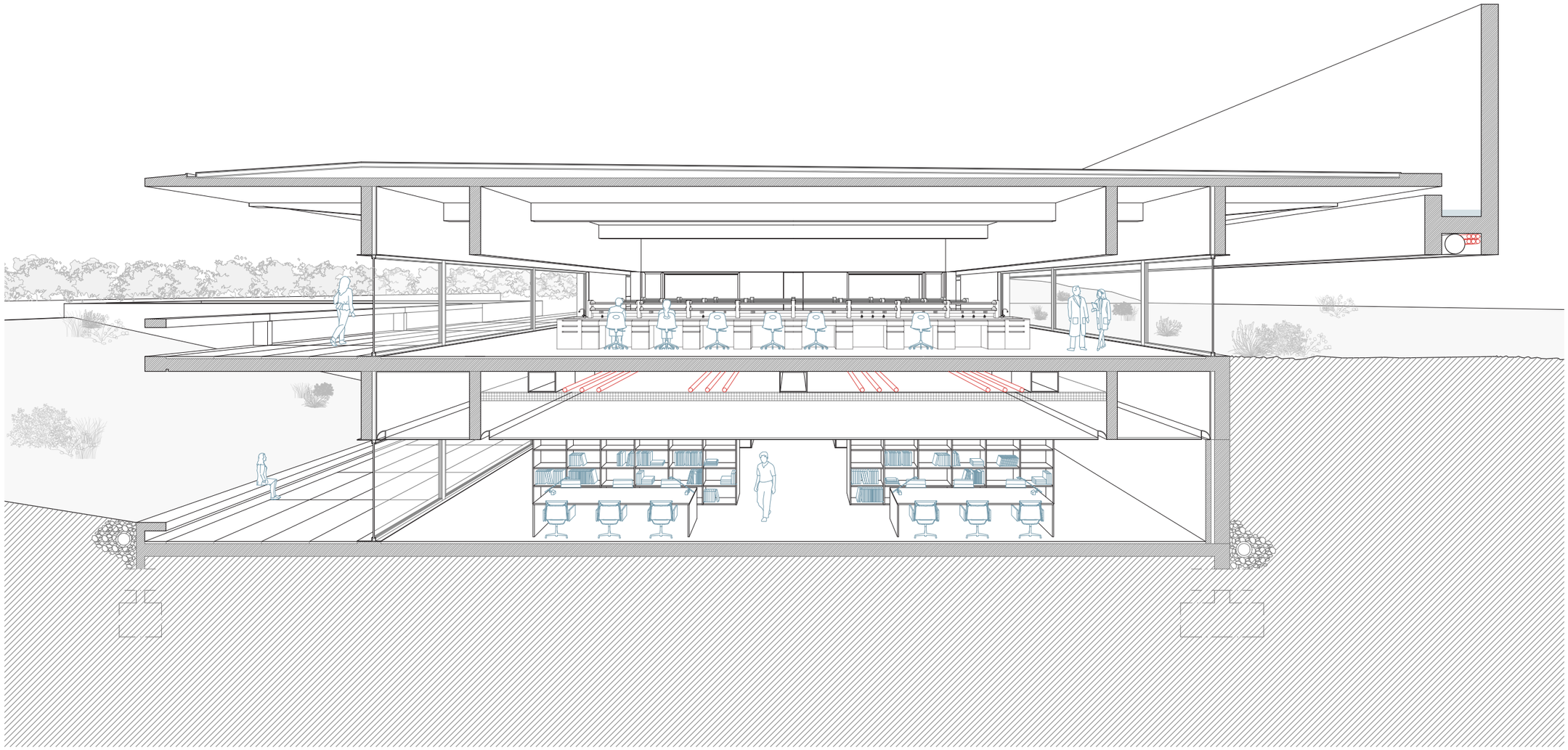






É no teto deste piso que se contra a rede de infraestrutura que abastece os laboratórios, bem como o sistema de ventilação dos mesmos, sendo facilmente acessível para manutenção.
Este edifício é pensado sobretudo a partir da perspetiva dos investigadores que aqui trabalharão todos os dias e nos seus percursos. Um investigador pode, por exemplo, chegar ao CIIMAR e fazer o seguinte percurso: descer diretamente pela rampa exterior e aceder ao piso inferior onde se encontram os balneários, trocar de roupa ou vestir uma bata e subir pelas escadas do bloco central, dando a um espaço de apoio onde se encontra o armazém, podendo recolher algum material que necessite e passar para o laboratório de preparação ou diretamente para o laboratório principal. Pode também chegar através do piso principal e descer pela escada central e fazer o mesmo percurso. Pode ainda chegar pela rampa exterior e aceder à área de carater mais técnico do piso inferior e subir nesse local para os laboratórios. O sistema de circulação tenta, assim, ser o mais versátil possível para os investigadores, mas também para quem o visita.

Figura 50 – Corte Perspetivado G, Este corte pretende mostrar o ambiente do laboratório geral, no piso superior, e da biblioteca científica, no piso inferior, e a sua relação com o exterior. É também visível o meio piso técnico entre os dois pisos.



O novo CIIMAR de Matosinhos
Considerações finais

Esta proposta de intervenção tenta responder aos problemas identificados no território da zona da Boa Nova, sem esquecer as caraterísticas naturais que lhe são intrínsecas, pela forte presença da indústria, bem como pelas várias ações levadas a cabo neste território ao longo dos tempos sobretudo pelo arquiteto Álvaro Siza.
O projeto de arquitetura procura, de uma forma geral, revalorizar esta área através da qualificação do espaço público com a criação de uma "praça verde", constituída por vegetação rasteira autóctone, que permite enquadrar na paisagem da cidade o conjunto arquitetónico da Boa Nova - Casa de Chá da Boa Nova, a Capela da Boa Nova e o moinho, o Farol de Leça da Palmeira e o Memorial a António Nobre – possibilitando que a "nova cidade" também chegue até ele e, talvez, ainda a concretização de uma ideia de remate da Marginal de Leça da Palmeira pensada já desde os anos 70.
A proposta traduz-se na requalificação de uma primeira parcela do território da antiga refinaria através da implementação do novo CIIMAR de Matosinhos naquele que poderá vir a ser o novo Polo de Ciências e Tecnologias Universidade do Porto, aleado à estratégia geral que prevê a expansão da linha do metro de superfície. Esta tensiona, assim, ajudar na transição entre a cidade consolidada e a sua expansão.
O edifício do novo CIIMAR de Matosinhos, ainda que com um programa bastante específico, foi pensado com uma estrutura e organização versátil, de modo a que se as intenções do uso dos terrenos da antiga Refinaria se vierem a alterar, este pode ser facilmente alterado e reconvertido para responder a novas exigências.



Fonte: Google Earht, 2022

Bibliografia

Antunes, M. A. (2016). *Da Análise Urbana à Intervenção Projetual - O Parque Municipal da Quinta da Conceição* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona do Porto]. ReCiL, Repositório Científico Lusófona. http://hdl.handle.net/10437/7896

APDL. (2022, 10 novembro). Reconversão do terminal Multiusos: Enquadramento. APDL. https://www.apdl.pt/reconversao-do-terminal-multiusos.

Associação Casa da Arquitetura (Ed.). (2011). *A Casa em Roberto Ivens*. Casa da Arquitetura.

Azeres, A. (2019). Castro de Guifões (Matosinhos): evidência de uma ocupação diacrónica. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.22.

Batista, J. A. (2000). *Matosinhos Entre a Terra e o Mar – As estruturas sócio- profissionais da 2ª metade do século XVIII*. [Dissertação de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.

Câmara Municipal de Matosinhos. (2022, 18 setembro). Apresentação da 2a. fase de obras da Marginal na Casa de Chá da Boa Nova. Câmara Municipal de Matosinhos – Notícias. https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/comunicacao-e-imagem/noticias/noticia/marginal-de-leca-da-palmeira

CLETO, Joel. (2022, 10 novembro). Porto de Leixões. A história. APDL. https://www.apdl.pt/pt_PT/historia

CMM. (2022, 13 Outubro). Farol de Leça da Palmeira. https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/cultura/muma-rede-de-museus-de-matosinhos/galeria-a276cae8-aec7-4dc5-9162-85eebab95ade

CMM. (2022, 25 Novembro). *Galp, Município de Matosinhos e CCDR-N estudam soluções para os terrenos da Petrogal.* https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/comunicacao-e-imagem/noticias/noticia/nova-cidade-vai-nascer-na-antiga-refinaria

CMM.(2022, 12 Outubro). *História de Matosinhos.* https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/cultura/historia-de-matosinhos

CMM (Ed.). (2010). *O Rio da Memória. Arqueologia no território do Leça*. Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos.

CMM, Quarternaire Portugal. (2016). Programa Estratégico para as Áreas de Reabilitação Urbana de Matosinhos e Leça da Palmeira. Câmara Municipal de Matosinhos. https://www.cm-matosinhos.pt/cmmatosinhos2020/uploads/document/file/7267/programa_estrategico_para_as_areas_de_reabilitacao_urbana_de_matosinhos_e_de_leca_da_palmeira___relatorio_final.pdf

CMM, Quarternaire Portugal. (2018). Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Matosinhos Sul. Câmara Municipal de Matosinhos. http://cmmatosinhos2020.smile-saas.prodl.cdns.pt/cmmatosinhos2020/uploads/document/file/7275/programa_estrategico_de_reabilitacao_urbana_de_matosinhos_sul.pdf

CMM. (2015). *Revisão do Plano Diretor de Matosinhos de 1992: Relatório fundamentado de avaliação da execução do PDM de 1992 e de identificação dos principais fatores de evolução do Município de Matosinhos.* Divisão de Planeamento Urbanístico da CMM.

CORDEIRO, J. M. (1989). *A Indústria Conserveira em Matosinhos – Exposição de Arqueologia Industrial.* CMM.

Duarte, A. C. (2016). *A Evolução Urbana de Matosinhos/Sul.* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. https://hdl.handle.net/10216/84405.

Khan, L. (1944). *La Monumentalidad*. Em Latour, A. (1991). Escritos, Conferencias e Entrevistas. El Croquis Editorial.

Leça da Palmeira (2022, 10 de Novembro). *Matosinhos já fez proposta à Galp para terrenos da refinaria.* https://www.leca-palmeira.com/matosinhos-ja-fez-proposta-a-galp-para-terrenos-da-refinaria/

Lobo, S. L. (2012). *Arquitetura e Turismo: Planos e Projectos - As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1a. República à Democracia.* [Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. http://hdl.handle.net/10316/23799

Luís Pedro Silva, Arquiteto. Lda. (2022, 20 Agosto). *Terminal de Cruzeiros de Leixões – rigorosos.* https://luispedrosilva.com/p142/p142-rigorosos/

Matos Gameiro Arquitetos (2022, 22 Novembro). *Laboratory CIEMAR, Sines.* https://www.matosgameiro.com/2011-laboratory-ciemar-sines

Oliveira, J. M. (1999-2000). Leça da Palmeira: lazer e evolução urbana litoral entre finais do século XIX e meados do século XX. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, série 1, vol. XV/XVI.

MMBB Arquitetos (2022, 20 Agosto). Sabina - Escola Parque do Conhecimento. https://www.mmbb.com.br/projects/category/3

Pires, M. C. (2012). *Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-História ao século VIII.* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Salgado, J. (2005). *Álvaro Siza em Matosinhos.* Edições Afrontamento/ CMM.

Santos, F. J. (2013). *Morfologia Urbana de Leça da Palmeira. Análise de factos de uma evolução entre o sec. XVIII e os nossos dias.* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. http://hdl.handle.net/10284/3838

Silva, F. M. (2015). *Turismo Industrial. A indústria conserveira em Matosinhos.* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/82078.

Souza, D. B., Tavares, A. (2020). Arquitetura da lata: Matosinhos e a História da Arquitetura das Sardinhas. Pós. *Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP*, vol.27, no.51. https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.posfau.2021.168263.

Trigueiros, L. (1999). *Teehaus Boa Nova/ Casa de Chá da Boa Nova.* Blau, Lda.

Vieira, A. S. (2018). *Imaginar a Evidência.* Edições 70.

Vieira, A. S., Morais, C. C. (2019). *01 Textos – Álvaro Siza.* Parceria A. M. Pereira.